



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Aliança das Trevas / nº 86 da Coleção Bang*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência Lda.

Título original The Shadow Queen © 2009 Anne Bishop.

Publicado originalmente nos E.U.A. por A Roc Book, 2009

TRADUÇÃO: *Cristina Correia*

REVISÃO: *Rosa Vilaça*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Peres - Soctip*

1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2009*

ISBN: *978-989-637-169-2*

DEPÓSITO LEGAL: *299745/09*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA LDA.

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Aliança
das Trevas

ANNE
BISHOP

Tradução de Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

Dedicado a Cass, Maggie, Cheryl e Dee

LOCAIS NOS REINOS

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o sítio da Web, a Anne Sowards e Jennifer Jackson pelo entusiasmo demonstrado por esta história, a Pat Feidner simplesmente porque sim e a todos os amigos e leitores que me acompanham nesta viagem.

TERREILLE

Dena Nehele

MONTANHAS TAMANARA

GRAYHAVEN – A PROPRIEDADE DE FAMÍLIA E UMA VILA

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

Hayll

Zuulaman

KAELEER

Askavi

EBON ASKAVI (TAMBÉM CONHECIDA COMO MONTANHA NEGRA, A FORTALEZA)

EBON RIH - VALE QUE É O TERRITÓRIO DA FORTALEZA

RIADA – POVOAÇÃO DOS SANGUE EM EBON RIH

Dea al Mon

Dharo

WEAVERS FIELD/CAMPO DOS FIANDEIROS – POVOAÇÃO DOS SANGUE

BHAK – POVOAÇÃO DOS SANGUE

WOOLSKIN/PELE DE LÃ – POVOAÇÃO PLEBEIA

Dhemlan

AMDARH – CAPITAL

HALAWAY – POVOAÇÃO JUNTO AO PAÇO DOS SADIABLO

PAÇO DOS SADIABLO (O PAÇO)

Nharkhava

TAJRANA – CAPITAL

Scelt (shelt)

MAGHRE (MA-GRA) – POVOAÇÃO

INFERNO (O Reino Das Trevas, O Reinos Dos Mortos)

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

PAÇO DOS SADIABLO

PRÓLOGO

Terreille

Dois anos atrás

Ainda atordoados pela tempestade de poder que aniquilara metade dos Sangue em Dena Nehele poucos dias antes, os proscritos desceram dos acampamentos nas Montanhas de Tamanara, deparando-se com um inimigo inesperado.

Os plebeus, maltratados ao longo de gerações pelos “protectores dos Reinos”, não tinham perdido tempo. Quando se deram conta de que os Sangue sobreviventes estavam atordoados pela perda violenta de Rainhas e cortes, rebelaram-se – e decidiram que morrer aos milhares era um preço satisfatório a pagar pela aniquilação dos Sangue de Dena Nehele.

Assim, os plebeus pereceram naqueles primeiros dias da insurreição. Oh, como pereceram.

Porém, idêntica sorte coube aos Sangue.

Os machos das cidades e vilas dos Sangue pereceram após depauperarem o poder que constitui a essência dos Sangue, ao ponto de mesmo os detentores de Jóias e, logo, de reservatórios de poder, exaurirem a totalidade das suas reservas no esforço que representou a defesa das mulheres e crianças destituídas de força ou capacidade de se defenderem sozinhas.

Quando expirou o poder que encerravam, debateram-se com armas como qualquer outro homem. Contudo, os plebeus continuavam a chegar, não cessavam de atacar – e os Sangue, em desvantagem numérica, não tinham qualquer hipótese de sobrevivência.

Mulheres e crianças faleceram, juntamente com os homens. Os plebeus, mergulhados no ódio aos Sangue, incendiaram os edifícios, transformando povoações inteiras em piras funerárias.

Foi então que os proscritos, guerreiros treinados que tinham recusado servir fosse que Rainha fosse, desceram das montanhas – e foi então que se deu verdadeiramente início à batalha por Dena Nehele.

Cavalgava com um bando de proscritos, um líder embrenhado na chacinha para defender o que restava do seu povo. No entanto, quando alcançaram uma propriedade murada a caminho da capital de Dena Nehele, desviou o cavalo e contemplou a enorme mansão em pedra através das barras de ferro do portão duplo.

Grayhaven.

Era o seu nome de família. Aquela era a casa da sua família.

Nunca habitara naquela mansão pois as Rainhas que controlavam Dena Nehele tinham-na tomado como residência, de onde governavam. Tal como o resto do Território, a casa e a terra tinham caído em decadência sob o jugo das cabras que viviam à sombra de Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Crescera nos acampamentos das montanhas controlados pelos proscritos, e era o último da sua geração, o derradeiro descendente directo do Senhor Jared e da Senhora Lia, a Rainha que, tal como a avó antes dela, era apelidada de “Senhora Cinzenta”. Se as histórias de família contivessem algum fundo de verdade, era ele a derradeira pessoa capaz de encontrar a chave que revelaria um tesouro tão precioso que possuía a capacidade de revigorar Dena Nehele.

O Senhor Jared contara aos netos acerca do tesouro que a Senhora Cinzenta e Thera, uma poderosa Viúva Negra, tinham escondido algures em redor de Grayhaven. Enquanto a família ainda habitava na mansão, todos os machos o tinham procurado e a história espalhou-se a conselheiros fidedignos nos quais não se devia ter confiado. Quando a linhagem da família não teve a capacidade de gerar sequer uma Rainha de menor importância, as Rainhas próximas de Dorothea SaDiablo abateram-se sobre Dena Nehele como abutres a lutarem por uma carcaça recente. Os membros que restavam da família abandonaram Grayhaven, pronunciando o nome de família somente em segredo.

Gerações após gerações tentaram agarrar-se a algo que representasse Dena Nehele, algo que representasse os Sangue como haviam sido durante o reino da Senhora Cinzenta. Durante gerações, os descendentes dos Grayhaven foram “quebrados para o serviço” como forma de manterem o povo debaixo da canga do poder de Rainhas indignas.

Gerações de provações – até ao momento em que aquela tempestade de feiticeira assolara Terreille. Uma tempestade veloz e violenta, terrível na purificação, erradicara Dorothea SaDiablo e todos os que por ela tinham sido conspurcados, deixando, porém, os Sangue sobreviventes à mercê do ódio dos plebeus.

— Thera! — chamou um dos Senhores da Guerra. — Os sacanas pegaram fogo à zona mais a sul da vila!

Queria passar aqueles portões, queria proteger o que restava do seu legado. Porém, fora treinado para combater, nascera para enfrentar o campo de batalha. Por isso, virou costas à casa e à terra que desejava recuperar.

Não obstante, ao afastar-se no seu cavalo, prometeu a si mesmo que regressaria à casa da sua família quando os fogos da rebelião fossem, por fim, extintos.

Se dela restasse algo.

CAPÍTULO UM

Terreille

Presente

Alcançando o degradado muro em pedra e o portão duplo quase arrancado às dobradiças, Theran Grayhaven fincou os pés no lugar exacto onde estivera dois anos antes. Por fim, a rebelião dos plebeus fora totalmente reprimida e os Sangue – os que restavam – podiam dedicar-se a tentar recuperar as suas terras e a sua gente.

Se é que havia forma de recuperar a gente.

— Uma vez que os convidaste, vais sentir-te ridículo se ainda estiveres aqui ao portão quando os outros Príncipes dos Senhores da Guerra chegarem.

Theran olhou por cima do ombro. Não se apercebera da chegada do outro homem, não sentira uma advertência quanto à sua presença. Nem há um mês, tal descuido teria sido a sua morte.

— Só devias estar acordado depois do pôr-do-sol — disse Theran. — Ficas demasiado enfraquecido.

O idoso franziu o sobrolho perante o muro e o portão – e todos os outros sinais de abandono.

— Cá me arranjaréi.

— Hoje à noite vais precisar de sangue.

O sobrolho ficou ainda mais carregado.

— Cá me arranjaréi.

— Talon...

— Não uses esse tom comigo, rapaz. Ainda consigo enfiar-te à palmada uma bela dose de juízo nessa cabeça casmurra.

Talon era um guerreiro encanecido que tinha perdido dois dedos da mão esquerda e metade do pé direito – testemunhos do preço pago pelas batalhas ganhas. Era também Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Azul-Safira. Como Theran era Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóias

Verdes, Talon era o único homem em Dena Nehele com capacidade de lhe “enfiar juízo à palmada”.

Porém, somente após o ocaso.

Talon era demónio-morto. Caso fosse obrigado a grandes acções durante as horas diurnas, as suas forças esgotar-se-iam a uma velocidade estonteante.

— Alguma vez te questionaste se valia a pena? — perguntou Theran, desviando o olhar do homem que o criara.

Não conhecera o pai. O homem acasalara para dar continuidade à linhagem dos Grayhaven e fora apanhado, quebrado e completamente destruído antes de Theran nascer.

Aos sete anos, a mãe levava-o para os acampamentos nas montanhas de modo a manter a descendência Grayhaven a salvo das Rainhas sob influência de Dorothea.

Não mais a voltou a ver.

Talon olhou para a mansão e abanou a cabeça.

— Combati nesta batalha durante trezentos anos, mais coisa, menos coisa. Conheci Lia e, antes dela, Grizelle. Acompanhei Jared e Blaed quando ainda fazíamos todos parte dos vivos – e acompanhei outros quando me tornei demónio-morto. Por isso, jamais me questioneei se o sangue e o sofrimento e as vidas que se perderam justificavam a luta para trazer Dena Nehele de volta ao que era durante o reinado das Senhoras Cinzentas. Eu *sabia* que valia a pena.

— Não vencemos, Talon — disse Theran em voz baixa. — Alguém eliminou o inimigo, mas ainda assim, não vencemos.

— Mais uma vez, encontra-se um Grayhaven na terra da família. É um começo. E entrou um novo elemento no jogo.

Talon só lhe dera conta desse elemento há poucos dias.

— É um elemento perigoso, partindo do princípio de que o homem que nos deve um favor ainda se encontra vivo.

— Só podemos ganhar se jogarmos — disse Talon. — Anda daí. Vamos trazer a Carruagem para o recinto e acampamos aqui fora esta noite. Amanhã podes percorrer a casa e verificar o que precisa ser feito.

— Será uma sorte se encontrarmos algum objecto intacto — comentou Theran amargamente. — Estou certo de que as cabras que governavam daqui *não* deixaram de tentar encontrar o tesouro.

— Mas a chave não estava dentro de casa — afirmou Talon. — Faz parte da lenda. Sem a chave que inicia o quebrar dos feitiços, bem que podiam ter arrancado todas as tábuas do soalho e deitado abaixo todos os tijolos da lareira que não encontrariam o tesouro ainda que estivesse perante os seus olhos.

— Isso não significa que iremos encontrar lá dentro um soalho onde se possa andar sem tropeçar ou uma lareira que esteja em condições — resmungou Theran.

— Deixa os queixumes para depois — instou Talon. — Vem aí alguém. Vou buscar a Carruagem. Esbofeteia-te a ti próprio e toca a entrar.

— Sim, senhor.

Pai substituto e protector da linhagem dos Grayhaven, Talon abraçara-o quando chorara e não hesitara em dar-lhe uma bofetada quando a merecia – pelo menos, na opinião de Talon. Tudo o que de positivo aprendera acerca dos Sangue, acerca da honra e do Protocolo e o significado de ser Príncipe dos Senhores da Guerra, aprendera com um homem que se recordava de Dena Nehele como outrora fora. Que recordava o significado de honra. O significado de usar, como Talon dizia, o Anel Invisível.

Preparando-se para a discussão que o esperava, Theran caminhou a passos largos até à mansão.

Estaria a pereira ainda em pé, algures nos jardins das traseiras? Teria a árvore sobrevivido todos aqueles séculos? Num dos acampamentos dos proscritos nas zonas baixa das montanhas cresciam algumas pereiras e havia um pomar – pelo menos, fora o que ouvira dizer – escondido na região mais a sul de Dena Nehele, numa das reservas de Shalador. Tendo ouvido histórias acerca da mãe de Jared que cultivara as pereiras para os filhos e que Jared oferecera a que lhe pertencia a Lia e a outra a Thera e Blaed, ficara desiludido quando, por fim, provara uma daquelas frutas rijas. No entanto, Talon informara-o de que as árvores não se davam bem nas montanhas, que careciam de algo que não era possível providenciar-lhes e era esse o motivo pelo qual a fruta não sabia tão bem.

Pois bem, as árvores não eram as únicas com uma carência por satisfazer.

Talon pousou a Carruagem no relvado coberto de matagal defronte da mansão, enquanto Theran observava os Príncipes dos Senhores da Guerra que surgiam junto ao portão ao descerem dos Ventos, as teias de estradas psíquicas que possibilitavam aos Sangue viajar pelas Trevas.

Somente quando Talon se juntou a ele, coxeando, é que os primeiros Príncipes dos Senhores da Guerra atravessaram o portão, subindo o caminho coberto de ervas daninhas aos pares, encabeçados pelos machos de Jóias mais claras.

Conto cerca de uma centena declarou Talon recorrendo a um fio psíquico.

Devem ser todos os Príncipes dos Senhores da Guerra que restam em Dena Nehele respondeu Theran.

É provável. Está a revelar-se uma adesão melhor do que aquela que eu esperava.

O que ficou implícito foi o facto de que somente um punhado daqueles homens usar a Opala, considerada como Jóia escura. Tanto ele como Talon, que usavam a Verde e a Azul-Safira, eram os machos mais fortes no Território. Os restantes usavam Jóias mais claras.

Formaram um semicírculo em redor de Theran e Talon, os de Jóias mais claras deixando espaços para que os machos de Jóias mais escuras pudessem ficar à frente.

À excepção de um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Opala que ficou distanciado dos restantes – um Príncipe cujo tom dourado da pele morena o distinguia como pertencente a uma linhagem de Shalador. Quicá fosse até descendente puro de Shalador.

Da mesma tonalidade do Senhor Jared. Da raça do Senhor Jared.

Theran resistiu ao ímpeto de olhar para a própria mão e conferir as semelhanças.

— Porque não te juntas a nós, Príncipe Ranon? — convidou Talon.

— Consigo ouvir daqui — foi a resposta gélida.

Talon fez um aceno com a cabeça como se a resposta sem modos não importasse.

O Príncipe Archerr, outro que ostentava Jóias Opala, avançou.

— Convocaste-nos aqui e nós respondemos. Mas nenhum de nós pode demorar-se. Os plebeus têm de ser fortemente controlados e alguns de nós representam o único guerreiro treinado na região de Dena Nehele à qual pertencemos.

Theran acenou com a cabeça.

— Assim sendo, vou directo ao assunto. Precisamos de uma Rainha.

Um momento de silêncio incrédulo antes de vários homens produzirem sons trocistas.

— Diz-nos algo que não saibamos — disse Spere.

— Temos Rainhas, mais ou menos — contestou Archerr.

— Serviriam alguma delas? — questionou Theran.

— Quando o Sol brilhar no Inferno.

Murmurinho com laivos de raiva.

— Temos Rainhas — repetiu Theran. — Mulheres que, mesmo na primavera da vida, não foram consideradas como tendo força que bastasse para preocuparem as Rainhas que se prostituíam para Dorothea SaDiablo. Temos Rainhas que ainda são crianças, quase não têm idade para iniciarem o treino em Arte básica. Além de um punhado de adolescentes.

— Uma das que tem quinze anos está a tornar-se numa estaferma tal que não me admira se não chegar aos dezasseis — disse Archerr com azedume.

— Precisamos de uma Rainha que saiba ser Rainha — afirmou Theran. — Precisamos de uma Rainha que reja Dena Nehele de acordo com a tradição da Senhora Cinzenta.

— Não encontrarás uma assim dentro das nossas fronteiras — assegurou Spere. — Achas que não andámos todos à procura? Se procurares para lá das nossas fronteiras e encontrares uma Rainha com maturidade para reinar, os machos desse Território não cederão alguém de *boa índole*. Como habito numa povoação junto à fronteira oeste, posso afiançar-te de que os Territórios a oeste do nosso não estão a sair-se melhor.

— Eu sei — redarguiu Theran.

— Sendo assim, onde iremos encontrar uma Rainha? — questionou Archerr.

— Em Kaeleer.

Silêncio. Nem sequer tosse nervosa ou pés arrastados.

— Não há forma de chegar a Kaeleer a não ser pelas feiras de serviços — observou Shaddo. — Pelo menos, uma outra forma de entrar no Reinos das Sombras e sobreviver pelo tempo que te permita dizer ao que foste.

— Há, sim — afirmou Theran, grato por ter considerado tal possibilidade, juntamente com Talon. — Alguém irá à Montanha Negra.

Noventa e oito homens fitaram-no espantados.

— E esse alguém faz o quê? — perguntou Archerr em voz baixa.

Theran olhou de relance para Talon que fez um aceno com a cabeça.

— Sei de um Príncipe dos Senhores da Guerra que está em dívida para com a minha família. — Não fora exactamente isso que Talon dissera. Fora algo do género: *Pelo Jared e pelas memórias, pode ser que esteja disposto a fazer um favor à família*. — Se conseguir encontrá-lo...

— Crês que esse Príncipe poderá providenciar-nos uma Rainha *originária de Kaeleer*? — questionou Shaddo. — Quem poderá deter tal influência e poder?

Theran respirou fundo e disse:

— Daemon Sadi.

Noventa e oito Príncipes dos Senhores da Guerra estremeceram.

— O *Sádico* tem uma dívida para com a tua família? — quis saber Archerr.

Theran anuiu.

Ouviu-se o burburinho de uma dúzia de vozes:

— Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas!

— Eu e o Talon estivemos a debater a questão e calculamos que a forma mais simples de descobrir se alguém sabe do paradeiro de Sadi é perguntar directamente na Fortaleza.

— Pode ter morrido — disse Spere, parecendo algo esperançado. — O irmão dele desapareceu há anos, não foi? Talvez o Sadi tenha sido arrastado por aquela tempestade como os outros membros dos Sangue.

— Talvez — respondeu Talon. — E talvez já não se encontre entre os vivos. Contudo, mesmo que seja agora demónio-morto, poderá ainda ter a capacidade de nos ajudar. Se for um dos demónios-mortos que se encontra nos Reinos das Trevas, a melhor hipótese de o encontrarmos reside na Fortaleza.

— O que acontecerá se conseguirmos uma Rainha de Kaeleer? — perguntou Shaddo.

— Nesse caso, doze machos têm de estar dispostos a servi-la e a formar o seu Primeiro Círculo — respondeu Theran. — Teremos de formar uma corte. Alguns de nós terão de servir. — As palavras seguintes ficaram presas na garganta, mas também neste ponto concordara com Talon. — Grayhaven será oferecida como residência dessa Rainha.

— Dizes que temos de formar uma corte — disse Ranon, ainda num tom gélido. — Também será pedido a Shalador que sirva? Será que Shalador terá permissão para servir? Ou será que o sangue que também corre nas *tuas* veias, Príncipe Theran, irá ser posto de lado, ignorado a menos que precisem de nós para forragem?

Antes que alguém pudesse impor um limite e dar início a uma luta que teria como conclusão a morte de alguém, Talon ergueu a mão, exigindo a atenção.

— Esse assunto será uma decisão da Rainha, Ranon — disse num tom calmo. — Iremos todos afiar as lâminas e oferecer os nossos pescoços.

— Na esperança de que não nos calhe alguém que esmague o que resta de nós? — questionou Ranon.

— Essa é a nossa esperança — confirmou Talon.

Um silêncio prolongado. Ranon deu um passo para trás, hesitou.

— Se uma Rainha de Kaeleer vier para Dena Nehele, haverá pessoas de Shalador que se oferecerão para ficar às ordens dela.

Talon ficou com um ar pensativo enquanto todos observavam Ranon a caminhar de regresso ao portão. Nem uma palavra se ouviu até que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Shalador apanhou um dos Ventos e desapareceu.

— Se conseguires que venha uma Rainha de Kaeleer... — Archerr não terminou a frase.

— Enviarei uma mensagem — concluiu Theran.

Os Príncipes dos Senhores da Guerra regressaram ao portão. Não se dividiram em grupos nem falaram entre eles. Alguns voltaram-se e olharam para os dois homens.

— Parece que vais à Fortaleza — disse Talon.

Theran acenou afirmativamente com a cabeça enquanto observava o último homem a sumir-se.

— O que achas que os preocupa mais? Que eu não consiga encontrar Sadi – ou que consiga?

CAPÍTULO DOIS

Kaeleer

Cassidy reclinou-se nos calcanhares e passou levemente a ponta da longa trança ruiva pelo queixo.

— Ora bem — disse, enquanto atentava no chão defronte dela. — A pedra fica ou vai?

Como a pergunta fora lançada ao ar e ao canteiro de jardim à sua frente, não contava com uma resposta. Além disso, a palavra final não lhe cabia. Voluntariara-se para limpar as ervas daninhas deste canteiro de modo a ocupar o tempo – e para poder trabalhar num pedaço de terra. Porém, o jardim era da mãe e se a pedra constituía um obstáculo indesejado ou uma parte conveniente e importante do conjunto, dependia do ponto de vista.

O mesmo poderia aplicar-se a tantas outras questões.

— Está feito e não pode ser desfeito — disse, entre dentes. — Por isso, desfruta da visita, faz o que puderes e esquece o resto.

Esquece o resto. Quanto tempo demoraria para que o seu coração olvidasse a humilhação?

— Bom, pelo menos descobri *antes* de preparar *aqueles* j... jardins para a Primavera. — A voz embargou-se e as lágrimas toldaram-lhe a visão.

Engolindo a dor que ansiava extravasar sempre que não conseguia manter as emoções controladas, reavaliou os recipientes de sementes que recolhera no ano anterior dos jardins da Rainha em Bhak. *Aquele* jardim já não lhe pertencia, pelo que a mãe iria ganhar algumas plantas novas no corrente ano.

— A tua mãe disse-me que te encontraria aqui.

Aquela voz, sempre rouca devido ao acidente que na adolescência lhe causara danos nas cordas vocais, fê-la sorrir ao olhar por cima do ombro e ver o homem corpulento que caminhava na sua direcção.

Entroncado era o seu corpo, Burle era o seu nome. Um homem simples. Um faz-tudo. Duas vezes por mês, viajava até uma aldeia de plebeus e aí permanecia durante três dias, aceitando biscates para consertar o que

quer que estivesse a precisar de arranjo. Grande parte dos Sangue considerava o trabalho para os plebeus como uma afronta à dignidade de um Senhor da Guerra – mesmo que esse Senhor da Guerra usasse uma Jóia tão clara como a Olho-de-Tigre. Retorquia sempre: “Trabalho é trabalho e os marcos que me pagam valem tanto como os que provêm de uma família da aristocracia de nariz empinado”.

Tal atitude não lhe permitia obter trabalho nas casas da aristocracia dos Sangue no Campo dos Fiandeiros, a terra natal de ambos, nem noutras povoações das cercanias pertencentes aos Sangue, mas os restantes membros da raça não se importavam com o que Burle dizia acerca da aristocracia e os plebeus apreciavam aquela vantagem que advinha de um homem com a possibilidade de recorrer à Arte em conjunto com um martelo e que não falasse com eles de modo arrogante. O facto de o Senhor Burle lhes proporcionar aquela pequena vantagem – e ainda mais – significava que tinha sempre trabalho, se assim quisesse.

O coração de Cassidy ficou reconfortado ao vê-lo – para logo disparar, alarmado.

— O que estás a fazer em casa? Passou-se alguma coisa?

Burle encenou um olhar para o céu antes de fixar os olhos na filha.

— Bom, Gatinha, é meio-dia. O almoço está na mesa. Ainda estás aqui fora. A tua mãe está com aquele olhar. Sabes qual é?

Oh, sim, sabia bem qual era o olhar.

— Por isso — prosseguiu Burle —, mandou-me vir buscar-te.

Não lhe parecia crível. Talvez o tivesse mandado. Mas não com o intuito de a levar. Amava a mãe, Devra, mas só conseguia falar de certos assuntos com o pai. Embora ainda não se sentisse preparada para falar.

— Muito bem, pai. Que estás a tramar? — Deu bastante ênfase à palavra “pai” como indicação de que *sabia* que ali havia gato. Quando a única resposta que obteve foi um olhar carregado sob aquelas sobrancelhas espessas que a mãe mantinha subjugadas com subtilidade por meio de Arte de escovagem de cavalos, tentou não suspirar ao dizer:

— Tatá.

O pai fez um aceno com a cabeça, satisfeito por se ter feito entender.

— A tua mãe disse que vieste para aqui logo a seguir ao pequeno-almoço. Pareceu-me muito tempo para andares a mondar ervas daninhas, por isso pensei em dar-te uma ajuda. Mas parece que conseguiste pôr esse canteiro em ordem. — Franziu o sobrolho para as luvas no chão ao lado da filha.

Cassidy ergueu as mãos.

— Uso as luvas mais fortes. Criei um escudo cingido para proteger as palmas das mãos. Recorri a um pouco de Arte para cavar as partes

do jardim que estavam a revelar-se obstinadas. — A verdade é que, se fosse realmente meio-dia, passara muito mais tempo a olhar o vazio e a tentar não pensar em nada do que o tempo que passara dedicada ao trabalho.

Burle acocorou-se ao lado da filha, pegou-lhe nas mãos e observou as palmas.

— Alguns calos não são problema, mas uma mão estragada não serve. — Apertou-lhe as mãos delicadamente e largou-as. — Ainda assim, não era preciso teres feito isto tudo sozinha.

— O meu pai ensinou-me que não há mal nenhum no trabalho árduo nem no suor.

Rindo, Burle ergueu-se, levantando-a com ele.

— Dantes perguntava-me se o teu irmão Clayton ouvia metade do que eu dizia. E ficava preocupado por tu ouvires em demasia. — Pousou uma mão no ombro da filha. — És boa mulher, Gatinha. E boa Rainha.

— Boa Rainha? — Perdeu o controlo e a dor com a qual vivia desde que aparecera na casa dos pais na semana anterior, jorrou dela. — Tatá, toda a minha corte renunciou. Todos os machos do meu Primeiro Círculo – os doze, incluindo o Administrador e o Guarda-Mor – informaram-me de que desejavam servir outra Rainha – uma Rainha que esteve ao meu serviço para aprender, na *minha* corte. Foi *ela* que eles escolheram. Para tudo. Para *tudo*, tatá.

Entre soluços, extravasou a mágoa, o choque da traição. Somente as Rainhas mediocres eram alvo de abandono. Somente as Rainhas abusadoras viam o Primeiro Círculo partir, desfazendo a corte. Somente...

Não conseguia pensar no homem que fora seu Consorte. Magoava-a profundamente.

Não era bonita. Nunca fora. Era alta, espadaúda e desajeitada. Tinha cabelo ruivo e sardas e um rosto alongado e vulgar. Não descendia de uma família abastada nem pertencente à aristocracia. À excepção de um primo distante, Aaron, Príncipe dos Senhores da Guerra de Tajrana, casado com a Rainha de Nharkhava, não havia qualquer garantia de estatuto social por conhecê-la ou partilhar a sua cama. Como usava uma Jóia Rosa, não possuía o tipo de poder capaz de atrair quem quer que fosse. Não havia uma única razão que fizesse virar cabeças à sua passagem.

Não obstante, era Rainha, caso raro numa família que raramente conseguira produzir alguém de Jóia escura, quanto mais alguém que pertencesse à casta mais poderosa – a casta *dominante*.

Presentemente, era uma Rainha sem corte. Sentia que lhe tinham arrancado um pedaço e não sabia como estancar aquela ferida emocional. A Senhora Kermilla ficara com o Primeiro Círculo que a servira, com as

povoações dos Sangue e de plebeus que regeira, com a casa onde habitara e com os jardins que plantara e tratara.

Nunca desejara tornar-se relevante, não tinha intenções de vir a ascender a Rainha de Província e reger as Rainhas de Concelho. Obviamente que não tinha ambições de se tornar Rainha de todo o Território de Dhara. Era feliz a reinar em Bhak e Pele de Lã. Queria tornar o seu pedaço de Dhara num lugar agradável onde quer os Sangue quer os plebeus gostassem de viver.

Porém, os machos que a tinham servido viram na sua corte uma rampa que os levaria a servir noutras cortes mais influentes, regidas por Rainhas mais poderosas. Quando se deram conta de que não iria ser rampa para nada, cumpriram com ar carrancudo os contratos que os vinculavam – para logo lhe virarem costas e assinarem de imediato contrato com Kermilla, uma Rainha bonita e cheia de vivacidade, preparada para estabelecer a primeira corte. Kermilla usava Jóias Azul-Celeste, que não eram Jóias escuras a ponto de constituírem um grande chamariz, mas possuía algumas ligações sociais, conseguia ofuscar os machos mais poderosos sem os ofender... e tinha vinte e um anos.

— Vá lá, Gatinha — consolou Burle enquanto lhe dava palmadinhas nas costas. — Não te enerves tanto. Não é vergonha nenhuma teres acabado com um Primeiro Círculo que tem de baixar as calças para conseguir usar a cabeça.

A imagem que surgiu na cabeça de Cassidy deteve o fluxo de lágrimas. Fê-la soluçar. Terminou com uma risadinha lacrimosa.

— Assim é melhor. — Burle invocou um lenço perfeitamente dobrado. — Seca lá essas lágrimas ou vais acabar no sofá com saquinhos de legumes nos olhos.

— É uma fatia de pepino, tatá. Cobrem-se os olhos com uma fatia de pepino. — Cassidy enxugou o rosto e assoou-se. — A mãe garante que resulta.

— Ah-ah — disse Burle. — A tua mãe tem muito bom ar. Logo de manhã, antes de se deitar e entrementes, tem sempre bom ar.

Estava a ser sincero. Devido a essa sinceridade, e porque Cassidy herdara o cabelo ruivo e as sardas de Devra, julgara que o homem que fora seu Consorte também fora sincero quando dissera que a achava encantadora.

Quando partira, o canalha dissera o que realmente pensava.

— Bom — disse Cassidy, fazendo o lenço desaparecer —, devíamos ir para a mesa antes que a mãe aqui venha, não achas?

— Pois devíamos. — Passando um braço por cima dos ombros da filha, Burle encaminhou-os para casa. — Mas tenho de dizer mais uma coisa. Lembra-me de ter conhecido a Senhora Kermilla quando ela estava em

aprendizagem ao teu serviço e isto te digo, Gatinha: se aqueles tolos te preferiram a favor dela, merecem o que vão ter.

— Talvez. — Era provável. Quando enviara a avaliação de Kermilla à Rainha da Província, tentara ser delicada, mas não havia forma de negar que tinha dúvidas quanto à atitude de Kermilla perante aqueles que não tinham força suficiente para ripostar.

— Ficam eles a perder e eu a ganhar — disse Burle. — Tenho as melhores mulheres do Território debaixo do meu tecto.

— Por pouco tempo — retorquiu Cassidy.

— O que significa isso?

— Estou só de visita, tatá. Para a semana começo a procurar um lugar para mim. — Teria de ser simples, pois pouco restara das dízimas que recebera de Bhak e Pele de Lã após pagar as despesas da corte e enviar o quinhão que cabia à Rainha da Província. Fora esse o rendimento de que usufruira enquanto governara e o facto de sobrar algum dinheiro devia-se à educação cuidada e à crença firme da mãe de que uma boa vida não era sinónimo de uma vida dispendiosa.

Como *era* o seu rendimento e tudo o que lhe restava era o que conseguira poupar das dízimas, continuaria a rasgar as cartas de Kermilla nas quais perguntava: quanto iria a anterior Rainha de Bhak “oferecer” à nova Rainha?

— O que queres dizer com um lugar para ti? — voltou Burle a perguntar. — Para quê?

— Tenho trinta e um anos, tatá. Uma mulher adulta não vive com os pais.

Estacou tão repentinamente que a fez desequilibrar.

— Porque não? O que poderás fazer na tua própria casa que não possas fazer...? — Corou ao chegar à conclusão óbvia – e incorrecta – sobre o que uma mulher não desejaria fazer na casa dos pais.

— Pois bem — resmoneou, alargando a passada e arrastando-a com ele. — Vamos ver o que tem a tua mãe a dizer sobre o assunto. Vamos ver.

Já sabia o que Devra iria dizer, mas não era o momento certo para informar o pai de que estava em desvantagem numérica.

— Sim, tatá — disse com ternura. — Vamos ver.

CAPÍTULO TRÊS

Ebon Askavi

— Porque estou eu a fazer isto?

Saetan Daemon SaDiablo, o anterior Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, olhou de relance para Daemon Sadi, o actual Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, reprimindo a vontade de rir. Aquele tom de voz adequava-se mais a um adolescente intratável do que a um macho adulto e pujante na primavera da vida, porém, sendo haylliano, uma das raças de longevidade prolongada, Daemon deixara a adolescência há já vários séculos.

Contudo, reparara que por vezes Daemon e o irmão, Lucivar Yaslana, punham a idade adulta de lado – tal como uma boa parte do cérebro – e não passavam de dois... *rapazes*. Pareciam testar as águas emocionais da adolescência quando estavam sozinhos com o pai. Quiçá tal se devesse ao facto de lhe ter sido negado o privilégio de os educar e de os três não terem passado pelos desafios que teriam sido naturais se tivessem convivido com ele. Quiçá se devesse ao facto de terem sido obrigados a crescer de forma dura e demasiado rápida para conseguirem sobreviver à escravidão pérfida que fora usada como forma de os controlar. Pelo menos, como forma de os tentar controlar. A escravidão, o sofrimento, o medo e a crueldade conseguiram transformar dois jovens, dois Príncipes dos Senhores da Guerra que eram predadores naturais em armas afiladas e letais.

Eram inteligentes e perigosos. Leais e dedicados. Poderosos e independentes. Extremamente protectores de todos os que amavam, por vezes ao ponto da saturação.

Eram seus filhos e amava-os a ambos. Porém, aquele que estava do outro lado da mesa, a olhá-lo por entre longas pestanas pretas, era o seu reflexo, o seu verdadeiro sucessor. Como era, entre outras coisas, Senhor Supremo do Inferno, o facto de Daemon *ser* o seu reflexo era algo que tinha sempre presente.

— Porque estou eu a fazer isto? — repetiu Daemon.

— Porque, quando chegaste à Fortaleza em Kaeleer e descobriste que eu me encontrava na Fortaleza em Terreille, atravessaste o Portão para este Reino de modo a esclareceres uma dúvida acerca das propriedades da família. Quando me viste a pôr em ordem resmas de papéis antigos, perguntaste se podias ajudar.

— Foi uma expressão educada, não foi sincera — resmungou Daemon.

— Eu sei — respondeu Saetan com sarcasmo. — Mas optei por entender as palavras literalmente.

Daemon rosou baixo e voltou a dar atenção à papelada.

Saetan disfarçou um sorriso e concentrou-se em despachar as pilhas de papéis na sua extremidade da mesa.

— O que estás a pensar fazer com isto? — perguntou Daemon passados vários minutos. — Levá-los para a Fortaleza em Kaeleer?

— Mas porque raio faria isso?

— A Marian diz que os papéis rasgados fazem uma boa camada para os canteiros.

Marian era esposa de Lucivar, uma mulher encantadora e uma talentosa feiticeira doméstica cuja natureza dócil contrabalançava a natureza volátil do marido. No entanto, Saetan sentia que alturas havia em que o lado prático da Arte doméstica tinha de ser afastado em prol de uma solução directa e simples.

— Estou a pensar em arrastar isto tudo lá para fora, para um dos pátios em pedra, criar um escudo em redor para o manter a papelada contida, lançar-lhe fogo encantado e transformar várias cargas de carruagens de papel inútil num barril de cinzas.

— Se tivesses pedido ajuda a Marian, terias conseguido acabar muito mais depressa. Aposto que sabe muitos feitiços de “arrumações” — expressou Daemon, para logo fazer um compasso de espera. Pensou. — Bom, talvez não conseguisses acabar mais depressa, mas a Marian seria, sem dúvida, meticulosa.

Maldito fosse o rapaz por saber onde espetar a agulha de modo a melhor afligir e irritar.

Não estava a tentar *arrumar* aquele lugar; estava a tentar eliminar resmas de história tão antiga que já não tinha utilidade para ninguém – *incluindo* as raças de longevidade prolongada.

Pois bem, o jogo da agulha podia ter dois jogadores.

— Se quisesse tornar a tarefa interessante, podia ter pedido ajuda a Jaenelle.

Daemon olhou para o pergaminho que tinha na mão, inclinou-o um pouco mais para a bola de fogo encantado que pairava sobre a mesa de modo a conseguir ler a escrita desvanecida... e empalideceu.

Saetan não fazia ideia do conteúdo daquele pergaminho, mas era óbvio que a ideia de Jaenelle Angelline, antiga Rainha de Ebon Askavi e presentemente esposa amada de Daemon, conhecer aquelas informações bastava para amedrontar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra.

Daemon pousou o papel na pilha para deitar fora e pigarreou ligeiramente.

— Creio que os dois conseguiremos tratar disto sem divulgarmos às Senhoras.

— Uma decisão sábia. — Fora essa a conclusão a que chegara quando decidira desfazer-se de alguma daquela tralha.

Trabalharam durante mais uma hora. Até que Saetan disse:

— Por hoje, é tudo o que podemos fazer.

Daemon olhou em volta. Tinham atirado os papéis rejeitados para um enorme cesto, mas a mesa e o chão circundante estavam ainda pejados de pilhas de papéis que não tinham sido tocadas.

— É meio-dia, Príncipe — informou Saetan.

Daemon anuiu.

— Não me tinha dado conta de que era tão tarde.

As horas que intermediavam o ocaso e o alvorecer constituíam a parte do dia pertencente aos demónios-mortos – e aos Guardiões, aqueles como Saetan que eram mortos vivos, que cavalgavam a linha que prolongava as vidas para além do que era possível contar. Durante os anos em que Jaenelle vivera com ele como filha adoptada, os seus hábitos tinham mudado e as horas em que se mantinha desperto tinham-se alargado pela manhã, de modo a poder estar disponível para os vivos. Contudo, ali na Fortaleza, no Santuário da Feiticeira, precisava de repousar quando o sol atingia o auge.

— Vamos regressar à Fortaleza em Kaeleer — afirmou Saetan. — Tomaremos banho e comeremos qualquer coisa antes de me retirar e poderás perguntar o que quer que vieste aqui perguntar-me.

A porta da biblioteca abriu-se antes de a alcançarem. Um Senhor da Guerra que servia na Fortaleza em Terreille dirigiu-lhes um aceno de cabeça e disse:

— Senhor Supremo, chegou um Príncipe dos Senhores da Guerra.

— E o seu nome? — perguntou Saetan.

— Não quis dizer — respondeu o Senhor da Guerra. — E não quis informar-me de que Território vem. Diz que procura uma pessoa e insiste em falar com “alguém de autoridade”.

— Ai, sim? — disse Saetan em voz baixa. — Que insensato. Leva o nosso convidado a uma das salas de visitas. Não demorei.

— Sim, Senhor Supremo.

A expressão de expectativa jovial na cara do Senhor da Guerra indicou a Saetan até que ponto o idiota tinha ofendido aqueles que serviam na Fortaleza por não ter seguido as cortesias básicas. Aos idiotas que sonegavam os nomes quando solicitavam chegar à fala com alguém naquele lugar era dado aquilo que ofereciam – o que se resumia a nada.

Quando o Senhor da Guerra saiu, Saetan virou-se e tocou Daemon no braço.

— E se regressasses a Kaeleer e pedisses que preparassem uma refeição? Irei falar com este Príncipe desconhecido e juntar-me-ei a ti quando terminares. Duvido que demore mais do que alguns minutos.

O ar que os circundava arrefeceu – uma advertência de que um temperamento violento estava a arrefecer, a arrefecer, a arrefecer.

— Se vais falar com alguém que vem de Terreille, é melhor levares alguém que zele por ti — disse Daemon com demasiada calma.

Saetan não conseguia decidir se haveria de sentir-se lisonjeado ou insultado pelo desejo protector do filho, mas decidiu que seria melhor colocar de lado o seu próprio mau génio durante esta conversa – especialmente no momento em que o filho se tornara letal.

— Esqueceste-te de que sou um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra e que sei muito bem defender-me?

Uma passagem daqueles olhos dourados, agora vítreos e letárgicos. Um olhar vincado dirigido à mão esquerda – onde faltava o dedo mindinho.

— Não me esqueci de nada — respondeu Daemon com a voz arrastada. Saetan sentiu um calafrio pelas costas abaixo.

A atitude juvenil desaparecera. Até a relação de pai e filho desaparecera. O homem defronte dele era um Príncipe dos Senhores da Guerra de igual estatuto, a um passo da orla assassina. Um Príncipe dos Senhores da Guerra a quem os Sangue em Terreille tinham apelidado de Sádico. Um homem capaz de *tudo* caso não aceitasse a provocação.

E isso, mais do que tudo o resto, bastava para ser imperativo tirar Daemon de Terreille.

— Terias dito ao Lucivar que tinha de ter alguém a zelar por ele? — questionou Saetan.

— Não teria sido necessário — respondeu Daemon. — Ele saberia que estaria sempre a seu lado.

Não estamos a brigar, pensou Saetan. Ainda assim, conseguiu detectar, demasiado tarde, a corrente que estivera ocultada sob a atitude juvenil.

Para Daemon, o simples facto de regressar a Terreille significava estar preparado para lutar. Para matar.

— Príncipe, estou a pedir-te que regreses a Kaeleer. Aqui é a Fortaleza. É um santuário. Tratar alguém como inimigo somente porque veio solicitar

uma informação constituiria uma violação de tudo o que este lugar representa. Daemon, não se faz. — Pelo menos, da parte de outra visita. Aquilo que zelava pela montanha a que chamavam Ebon Askavi julgava desde logo quem quer que entrasse na Fortaleza. E quem entrava nem sempre saía.

— Lamento não ter percebido como é difícil para ti voltares a este Reino, mesmo tratando-se da Fortaleza — desculpou-se Saetan. — Se me tivesse dado conta, já teríamos saído daqui há horas.

Aquela mente perspicaz avaliou as palavras enquanto os olhos dourados avaliaram a pessoa.

— Criarás um escudo? — perguntou Daemon, por fim.

— Criarei um escudo. — Apesar do esforço para controlar a própria fúria, as palavras saíram num grunhido.

Os lábios de Daemon crisparam-se num sorriso relutante.

— Exigirias o mesmo de mim se fosse eu a ficar.

— Claro que sim, mas é diferente. Eu sou teu pai.

O sorriso de Daemon – bem como o ar que os rodeava – acalentou-se. — Tudo bem. Vou voltar a Kaeleer e tratar de nos arranjar uma refeição.

Saetan aguardou, tenso, até deixar de sentir a presença da outra Jóia Negra – a confirmação de que Daemon atravessara o Portão e regressara a Kaeleer. Encostou-se à porta até ouvir o som aumentado pela Arte de passos que anunciavam o regresso do Senhor da Guerra.

— Está tudo bem, Senhor Supremo? — perguntou o Senhor da Guerra. — Senti... Todos sentimos... Por um minuto, o Príncipe Sadi ficou gelido.

— Pois ficou. O Príncipe fica um pouco à defesa quando se encontra em Terreille.

O Senhor da Guerra fitou-o, pasmado.

— Se é assim que o Príncipe Sadi reage quando fica um *pouco* à defesa, não quero estar por perto quando estiver *mesmo* a defender-se.

— Pois não — retorquiu Saetan serenamente —, não haverias de querer estar por perto.

Theran abriu as portas em vidro que davam acesso a um jardim disposto em terraços, voltando a fechá-las mas deixando uma ligeira abertura onde cabia um dedo. Apesar de ser Primavera, estava frio lá em cima nas montanhas. Teria preferido ficar sentado numa cadeira confortável junto à lareira, porém...

Este lugar provocava-lhe mais arrepios do que o ar frio. A Montanha Negra. Ebon Askavi. Albergue da história dos Sangue – e covil da Feiticeira, o mito vivo, os sonhos tornados realidade. Que não passava, desconfiava ele, de um sonho e de um mito. Tinham corrido rumores de que existia, de facto, uma Rainha de Jóia Negra que reinava em Ebon Askavi, contudo,

após a tempestade de feiticeira ou guerra ou o que quer que tivesse sido que varreu Terreille e devastou os Sangue, os rumores cessaram.

Aquele lugar não carecia de uma Rainha. Já era bastante sinistro sem uma Rainha e não conseguia imaginar ninguém... normal... a reger aquele sítio. Havia *coisas* a voejar nas sombras, a observá-lo. Estava certo disso, ainda que não tivesse conseguido detectar qualquer odor psíquico nem qualquer outra *espécie* de presença.

Não obstante, tal não alterou a convicção de que essas coisas que não conseguia sentir nem ver, poderiam matá-lo – sem hesitar –, antes que se apercebesse de que estavam junto dele.

Quando a porta se abriu, suspirou de alívio mas ficou junto da janela. Se algo corresse mal, tinha mais hipóteses de sair e apanhar um dos Ventos caso conseguisse chegar a campo aberto.

O homem que entrou na sala era haylliano ou dhemlano – o cabelo preto, a pele morena e os olhos dourados eram comuns em ambas as raças de longevidade prolongada e nunca conseguira distinguir entre as duas. Um homem mais velho, cujo cabelo preto estava encanecido nas têmporas e cujo rosto começava a apresentar rugas indicativas do peso dos séculos. Uma Jóia Vermelha pendia de uma corrente de ouro. Outra Jóia Vermelha cintilava no anel que usava numa mão de dedos esguios – e unhas compridas e tingidas de negro.

— Quem sois? — questionou Theran. O Território de Hayll fora a raiz de todo o sofrimento suportado pelo seu povo e não queria ter de encarar *ninguém* pertencente àquela raça. Salvo uma pessoa.

O homem parou bruscamente.

De repente, um frio corante invadiu a sala, um tipo de frio diferente daquele que vinha de uma porta de vidro aberta.

— Sou um Príncipe dos Senhores da Guerra de categoria superior à tua — disse o homem com uma afabilidade exagerada. — Agora, cria, podes esmerar as tuas maneiras e fazer uma nova tentativa – ou podes regressar ao lugar de onde vieste.

Concentrara-se na raça do homem ao invés de prestar atenção às Jóias que *efectivamente* eram superiores às suas e ao odor psíquico que não deixava dúvidas de que o outro homem era Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Aceitai as minhas desculpas, senhor — disse Theran, esforçando-se por parecer sincero. Mais fácil seria o sol brilhar no Inferno do que ele desculpar-se com sinceridade a um haylliano – *fosse qual fosse* a razão. — Este lugar é um pouco avassalador.

— Acontece a muitos. Vamos ver se tratamos do teu assunto depressa para que possas sair daqui.

— Não sei se podereis ajudar-me. — *Não quero que sejas tu a ajudar-me.*

— Sou o historiador/bibliotecário assistente aqui na Fortaleza. Se eu não te puder ajudar, ninguém poderá.

Se eu não te ajudar, ninguém ajudará. Era essa a mensagem subjacente. *Galaró jarreta*, pensou Theran.

Não tencionara enviar aquele pensamento por meio de um fio psíquico e tinha a certeza quase absoluta de não o ter feito. Contudo, a julgar pela forma como aqueles olhos dourados começavam a tornar-se vítreos, algo na sua expressão deveria ter transmitido aquele sentimento com bastante clareza.

— Começemos pelo teu nome — declarou o homem.

Como o homem era haylliano, Theran engasgou-se perante a ideia de lhe dar a conhecer o seu nome de família.

— Deixa-me colocar-te a questão de outra forma — disse o homem. — Ou fazes o obséquio elementar de facultar o teu nome e o local de onde vens – ou podes ir para o Inferno.

Theran sentiu um calafrio, pois havia algo no suave trovão presente naquela voz grave que o advertia de que as opções eram precisamente aquelas.

— Theran. De Dena Nehele.

— Uma vez que a montanha não desabou à nossa volta e que a tua cabeça não explodiu, estou muito satisfeito por saber que as consequências por teres revelado tantas informações não foram, de facto, terríveis.

Não estava habituado a ser reprimido. Pelo menos, por um desconhecido. Sentiu uma resposta a escaldar-lhe a garganta, mas reprimiu-a.

Por uma questão de princípio, não gostava do haylliano – e o haylliano parecia não gostar dele. No entanto, tinha a impressão de que o homem era a única forma de obter a informação que procurava.

— Existem motivos para todo este secretismo — revelou Theran, entre dentes.

— Assim sendo, a tua falta de educação poderá compreender-se – quem sabe até ser perdoada.

Voz gélida, olhos gélidos, temperamento gélido. Se arruinasse esta oportunidade...

— Ao que sei, procuras alguém — disse o homem. — Quem?

Quiçá ainda existisse uma possibilidade...

— Daemon Sadi — respondeu Theran.

O frio no ar ficou lancinante. O homem perguntou com uma calma extrema:

— Porquê?

Não é da tua conta. Theran mordeu a língua para não dizer as palavras.

— Está em dívida para com a minha família.

Não sabia se aquela seria a interpretação precisa da mensagem que

fora passada aos machos da sua família, mas bastava como explicação para aquele bibliotecário.

— Compreendo.

Um silêncio demorado enquanto aqueles olhos dourados o fitavam.

— Vou pedir para que tragam umas bebidas — informou o homem.

— Não preciso de nada! — *Fogo do Inferno! Vê lá se te lembras de algumas das boas maneiras que te ensinaram!* — Obrigado. Uma bebida quente seria muito agradável.

— Solicitarei para que tratem disso. Verei o que posso descobrir acerca do Príncipe Sadi.

O haylliano saiu da sala – e Theran suspirou de alívio.

O controlo que teve de exercer para fechar a porta e afastar-se, mantendo a mente da pobre cria intacta, deixou a mão de Saetan trémula.

Parece que o Daemon não é o único a sentir-se demasiado protector em certas alturas, pensou pesarosamente.

Sentindo a outra presença no corredor, certificou-se de que a porta estava bem fechada e afastou-se no momento em que Geoffrey, o historiador/bibliotecário da Fortaleza baixou o escudo de visão que o mantivera encoberto.

— Ouviste? — perguntou Saetan.

— Como deixastes a porta aberta, difícil seria não ouvir — respondeu Geoffrey.

— Trata das bebidas, está bem? Eu trato do resto.

Geoffrey ergueu uma mão pálida.

— Uma pergunta. Quem é aquele grande cepo?

Saetan balançou nos calcanhares.

— Grande cepo? O que tens andado a ler?

O outro Guardiã não o olhou nos olhos.

Saetan passara por mais de 50 000 anos. Geoffrey servia na Fortaleza há muitos mais anos. A ideia de descobrir que, após tantos anos, a escolha de leitura por lazer de Geoffrey pendia para... Bom, não sabia ao certo que categoria de ficção poderia recorrer a tal expressão, e quase receava perguntar a alguém para ficar ao corrente. Contudo, tudo aquilo o divertia a ponto de afastar a fúria.

E talvez tivesse sido essa a intenção, a julgar pela expressão nos olhos negros de Geoffrey.

— Eu trato da nossa visita — disse Geoffrey. — Tratai o Saetan do vosso filho.

A ideia de Daemon estar em dívida para *quem quer que fosse* em Terreille bastava para voltar a acicatar-lhe a fúria, mas, por cortesia para com

Geoffrey, manteve o controlo até abrir o Portão entre os Reinos e atravessar para a Fortaleza que existia em Kaeleer.

Daemon examinou a comida na mesa.

Conseguia, por fim, respirar. Havia dois anos que não punha os pés naquele Reino triplamente amaldiçoado de Terreille – desde que fora a Hayll com o intuito de levar a cabo uns jogos bárbaros de modo a conceder a Jaenelle o tempo de que necessitava para reunir forças e libertar todo o poder obscuro, purificando os Reinos dos Sangue que se encontravam conspirados por Dorothea e Hekatah SaDiablo.

Até ali, na Fortaleza, que *era* um santuário protegido, sentira a diferença entre Terreille e Kaeleer, sentira séculos de memórias a colarem-se a ele como fios de teias de aranha plenos de dor e pavor. Quando vivera em Terreille, aceitara a dor e respondera ao pavor por meio de jogos que correspondiam – ultrapassavam, até – a crueldade e a perversidade nas quais Dorothea se notabilizara.

Sobrevivera a dezassete séculos de escravidão e crueldade – mas não sem pagar por isso. No corpo não tinham ficado marcas; as cicatrizes que ficaram carregava-as na mente e no coração.

Quando encontrara Saetan na biblioteca, devia ter admitido o desconforto ao invés de tentar afastá-lo. Devia ter-se apercebido de que tal como não conseguia estar em Terreille com o irmão, Lucivar, também não conseguia estar com o pai. Demasiadas memórias – e as derradeiras memórias dos três juntos em Hayll ainda perpassavam os seus sonhos, de tempos a tempos.

O pai naquele acampamento haylliano, sujeito a torturas. O irmão naquele acampamento, sujeito a torturas. E ele, para poder mantê-los vivos e tirá-los de lá, fora o torcionário mais cruel.

Daemon esfregou o rosto com as mãos e concentrou-se na mesa. Enquanto aguardava que Saetan regressasse ao Reino *onde se encontrava*, precisava manter a cabeça ocupada com algo diferente.

— Ora então, o que temos aqui? — Fatias grossas de carne assada mal passada. Legumes guisados. Pão estaladiço e manteiga. E...

Levantou a tampa do último prato, erguendo a sobrançelha perante a baforada de ar frio que foi libertada.

Duas tigelas cheias de...

Daemon pegou numa, examinou-a atenciosamente e alcançou uma colher. Como não era nada que tivesse visto antes, provar era a única forma de descobrir o que era.

Levou uma colherada à boca e fechou os olhos à medida que os sabores se liquefaziam na língua.

Queijo adocicado ligeiramente batido. Pequenos pedaços de chocolate. Veios de molho de framboesa.

Abriu os olhos e lambeu os lábios. Seguidamente, estudou a mesa uma vez mais. Havia duas tigelas daquela mistura, por isso uma delas devia ser-lhe destinada. Que diferença faria comê-la antes ou após a refeição?

Satisfeito com a racionalização – caso fosse necessária – atacou a malga.

Quem teria de subornar para obter a receita? Caso a *conseguisse*, guardá-la-ia para a fazer ou oferecer-se-ia para a partilhar com a D. Beale, a enorme e bastante assustadora feiticeira que era sua cozinheira no Paço dos SaDiablo? A partilha de uma receita destas poderia ser uma troca justa para que ela tolerasse a construção de uma pequena cozinha adicional onde Daemon pudesse cozinhar. Até ao momento, eram estas as únicas razões pelas quais a D. Beale não declarara guerra aberta face a esta afronta ao seu território doméstico: 1) Daemon era proprietário do Paço; 2) as Jóias Negras suplantavam as Amarelas da cozinheira por uma larga margem; e 3) tecnicamente, trabalhava para ele.

Nenhuma daquelas razões tinha qualquer significado para a D. Beale, a menos que lhe conviesse lembrar-se.

De certa forma, também convinha a Daemon que a D. Beale desafiasse a sua autoridade e poder. Agora que regia o Território de Dhemlan, compreendia o motivo de Saetan ter sido tão passivo dentro da sua própria casa, permitindo até ser capitaneado pelas pessoas que trabalhavam para ele.

As pessoas de Dhemlan – mais precisamente as Rainhas e respectivas cortes, que tinham de responder perante ele – temiam-no. Tinham razões para tal. As Jóias Negras eram um reservatório do poder nele contido, uma advertência quanto à profundidade e potência da força que podia virar-se contra quem quer que considerasse como inimigo. Já em casa...

Estivera em locais onde todos viviam num medo constante e debilitante. Não queria viver num lugar semelhante. Não queria ser o causador. Não na sua própria casa. Não com as pessoas que trabalhavam para ele.

Em especial, não queria tal para Jaenelle, a mulher que era a sua vida.

Por conseguinte, apreciava o jogo com a D. Beale, embora, admitia-o, fosse uma mulher bastante aterradora e o receio que sentia dela não era completamente simulado.

Muito à semelhança do que acontecia com o pai, se pensasse bem no assunto.

Lucivar tinha razão. Havia algo de purificador – para não falar de como era divertido – no acto de nos atirmos contra uma personalidade forte, com o único fito de ver o que acontecerá, sabendo que nada de mal nos acontecerá ao fazê-lo. Era um alívio ser filho, ser realmente filho de um pai que estabelecia uma linha em relação a determinados assuntos e que não

cedia mas que também era dono de um entendimento perspicaz quanto aos momentos em que devia ser indulgente – chegando até a fazer que não via.

Um pai que o entendia profundamente.

Raspava o que restava da segunda tigela quando esse mesmo pai entrou de rompante.

Mãe Noite, pensou Daemon, fazendo desaparecer ambas as tigelas a toda a pressa.

— Se estás mesmo em dívida para com a família daquele sacaninha, pagá-la-emos e livramo-nos dele — rosnou Saetan. — Ou então posso mandá-lo para as entranhas do Inferno aqui e agora.

— O quê? Quem?

— O Príncipe dos Senhores da Guerra de maus modos que foi à Fortaleza à procura de alguém? É a ti que procura. Diz que estás em dívida para com a família dele.

O gelo estremeceu-lhe nas veias, prelúdio do desembainhar da lâmina letal da sua fúria.

— Quem? — voltou a perguntar com uma serenidade exagerada.

— Theran. De Dena Nehele.

Dena Nehele. Um lugar que jamais olvidaria.

Daemon redobrou o controlo da fúria.

— Como é ele?

Um roçar ligeiro na primeira das barreiras interiores. Ao abrir aquele primeiro nível da sua mente ao pai, viu o homem. Os mesmos olhos verdes. A mesma pele beijada pelo sol. O mesmo cabelo escuro.

— Jared — sussurrou Daemon.

Saetan abanou a cabeça, dizendo:

— Disse que se chamava Theran.

— O homem que eu conheci era o Jared. Este é parecido com ele.

Conseguia sentir Saetan a reavaliar, a esforçar-se por refrear a sua extraordinária índole.

— Estás em dívida para com eles?

— Não é exactamente isso.

Jared deixara uma descrição por escrito da sua viagem com Lia enquanto eram perseguidos pelo Guarda-Mor de Dorothea. Nesse relato, que Jared deixara na Fortaleza destinado a Daemon, Jaenelle encontrara a solução para purificar a corrupção dos Sangue, sem os destruir a *todos*.

Por isso, de certa forma, era verídico que estava em dívida para com Jared. Quanto a dever o que quer que fosse à descendência de Jared...

— Gostava de Jared — afirmou Daemon. — Era bom homem. Assim sendo, por ele, disponho-me a falar com este Príncipe Theran e descobrir

o que pretende. — Fez uma pausa e ponderou. — Mas não aqui. Gostaria que Jaenelle o conhecesse.

— Porquê?

— Porque confio mais no instinto dela acerca dele do que no meu.

Saetan ponderou naquela resposta e acenou com a cabeça.

— Assim sendo, trataremos de o levar ao Paço. Quanto tempo queres que levemos a descobrir o teu paradeiro?

Daemon deu uma gargalhada, bufando.

— Como és meu pai, certamente saberás onde me encontrar.

— Oh, ele não sabe que sou teu pai. Para o Príncipe Theran, não passo do historiador/bibliotecário assistente. Apenas um “galaró jarreta”. — O sorriso de Saetan tornou-se feríssimo e acutilante. — O rapaz não escuda os pensamentos tão bem como devia.

Oh, porra. — Podes preparar tudo para que chegue esta tarde ao Paço.

— Combinado. — Como se estivesse a tentar livrar-se do estado de espírito – e da fúria – Saetan olhou para a mesa e levantou uma sobrançelha. — Vejo que apreciaste o doce de queijo adocicado.

Maldição. Não devia ter conseguido fazer desaparecer as tigelas a tempo.

— Ainda assim — prosseguiu Saetan —, devias também comer um pouco de carne e de legumes.

Uma corrente de diversão. Um tipo de diversão *paternal*.

A sensação de ser tratado com um rapazote não era nada divertida quando não era ele que *optava* por sentir-se como um rapazote. E sentir-se como um filho que comete um erro era inequivocamente desagradável.

— Só queria provar.

— Ah-äh. — Saetan puxou uma cadeira e sentou-se. Serviu uma concha de legumes guisados e uma fatia de carne assada, amornou o habitual cálice de yarbarah, o vinho de sangue que constituía todo o sustento necessário aos demónios-mortos – e aos Guardiões.

Sem vislumbrar outra opção, Daemon sentou-se à frente do pai e serviu o seu próprio prato.

— Não tenho encontrado nada de muito interessante naquelas pilhas de papéis — disse Saetan. — Mesmo com os feitiços de conservação que foram usados, grande parte está ilegível ou o pergaminho desfaz-se ao toque. Mesmo assim, encontrei algumas coisas – como a receita desse doce de queijo adocicado. Bom, pelo menos a ideia base. Tive que realizar várias experiências e enriquecê-la.

Daemon mastigou um pedaço de carne e engoliu-o com cuidado.

— Foste tu que fizeste aquele doce?

— Fui. Tal como tu, também gosto de me aventurar na cozinha, de quando em vez.

— Só tu é que tens a receita?
— Sim.
Ficaram a olhar um para o outro.
Por fim, Daemon perguntou:
— Quais são as hipóteses de partilhares a receita?
O seu pai, o sacana que sabia demasiado, limitou-se a sorrir.

CAPÍTULO QUATRO

Ebon Askavi

Uma sala na Fortaleza abrigava um dos treze Portões que ligavam os três Reinos de Terreille, Kaeleer e Inferno. No Altar das Trevas podia ver-se um candelabro com quatro braços. Quando as velas negras foram acesas e o feitiço invocado, uma parede de pedra deu lugar a uma neblina, tornando-se num Portão entre os Reinos.

Seguindo o historiador/bibliotecário assistente, Theran saiu daquela neblina e entrou numa sala com um aspecto em tudo semelhante àquela que deixara para trás, mas a sensação que transmitia era diferente. Parecia mais obscura.

Chegara a Kaeleer, o Reino das Sombras. Estava efectivamente nesse lugar.

E a sua casa nunca parecera tão distante.

Kaeleer

Saindo da Carruagem que o levava da Fortaleza até àquele lugar, Theran olhou atónito para a enorme estrutura em pedra cinzenta escura que se erguia à sua frente. Espraiaava-se pelos terrenos e as torres trespassavam o céu. O tamanho intimidava e a sensação de antiguidade e poder obscuro que rodeava o edifício bastava para advertir os visitantes de que qualquer homem perspicaz contornaria com desvelo o que quer que habitasse para lá daquelas paredes.

— É uma comunidade fechada? — perguntou. Conseguia entender a sensação de tanto poder caso tivessem vivido várias centenas de Sangue num local, ao longo de muitas gerações. Outrora, tinham existido alguns lugares “regidos” por assembleias nas reservas de Shalador que transmitiam uma sensação semelhante. Pelo menos, fora isso que lhe contaram. A maior parte desses lugares – bem como as feiticeiras poderosas que aí

viviam – não tinham sobrevivido às purgas ordenadas alguns anos atrás pelas Rainhas de estimação de Dorothea.

— Como uma povoação, é isso que quereis dizer? — disse o condutor da Carruagem. De seguida, emitiu um som que poderia ser um esforço para não se rir. — Não. A vila é para aquele lado. — Indicou a direcção oposta. — Vai-se por um caminho privado até se chegar à ponte. Aí, torna-se numa estrada pública que leva a Halaway.

— Privado... — Estava a olhar para uma *moradia*? Aquela sensação de poder obscuro provinha de *uma única família*?

— Aquele é o Paço dos SaDiablo — informou o condutor. — Residência da família SaDiablo e lar do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan. Disseram-me para vos trazer aqui.

SaDiablo. SaDiablo. Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Mas Dorothea SaDiablo estava morta, não estava? Completamente aniquilada, corpo, mente e Jóias. Não estava?

— O Daemon Sadi mora aqui? — perguntou Theran.

— Mora, sim.

Estaria Sadi ainda sob controlo da família SaDiablo? Seria ainda escravo? Seria este ramo da família SaDiablo melhor do que os que tinham tentado destruir Terreille?

Acabei de me entregar ao inimigo? Maldito fosse aquele sacana haylliano por tê-lo levado ali.

— Vou levar a Carruagem à volta para as cavaliças e espero por ali se precisarem de mim — disse o condutor. — Devíeis subir até ao Paço e dizer ao que vindes. Não é preciso atrair a atenç...

Uma coruja solitária ergueu-se das árvores à direita. Seguidamente, outra coruja subiu do lado esquerdo. A terceira surgiu de trás.

Theran virou-se num círculo, com o coração a bater no peito. Não conseguia ver, mas havia algo ao longe. Estava a detectar odores psíquicos, uma sensação de poder a deslocar-se para si de todas as direcções. Contudo, eram odores desfasados a ponto de não conseguir identificar do *que* se tratava.

— Bom — disse o condutor, coçando a cabeça. — Agora que já *lhes* conseguistes chamar a atenção, todas as atenções serão voltadas para vós. Por isso, o melhor é subirdes.

— O que são? — perguntou Theran. — Cães de guarda?

— Lobos. A alcateia vive na floresta a norte que faz parte desta propriedade. O Paço protege-os e eles protegem o Paço.

Fogo do Inferno. — Podia ser pior — afirmou Theran.

— Pois podia — concordou o condutor. Faz uma pausa e olhou ponde-

radamente para Theran. — Não sei se está algum aqui neste momento, mas é melhor não perturbar os felinos. São enormes e agressivos.

Theran forçou um sorriso.

— Certamente não me iriam comer.

O condutor limitou-se a fitá-lo.

— Mãe Noite. — Poderia piorar? Não perguntou pois não queria que o condutor lhe revelasse o que seria pior do que felinos devoradores de homens que viviam como animais de estimação.

O condutor levou dois dedos à têmpora como cumprimento e regressou à Carruagem.

Theran saiu depressa da teia de desembarque e avançou a passo rápido até à porta principal, que se abriu antes de bater, revelando aquilo que poderia ser pior do que felinos devoradores de homens: um enorme homem de rosto austero envergando uma farda de mordomo e que era também Senhor da Guerra de Jóia Vermelha.

Superado por um serviçal, pensou Theran ao obedecer ao convite silencioso para entrar.

— Boa-tarde — disse o mordomo. — Em que posso ser-vos útil?

— Procuo o Daemon Sadi. Fui informado de que o poderia encontrar aqui. — Obviamente que o sacana haylliano da Fortaleza não referira que iria procurar Sadi no interior de um forte dos SaDiablo.

Com o revirar de uma mão, o mordomo segurava subitamente um pequeno tabuleiro de prata. A Arte que usara fora tão graciosa que Theran ficou a olhar atónito para o tabuleiro por um instante, sentindo inveja do treino arguto que o mordomo deveria ter recebido. Oh, Talon providenciara-lhe o melhor treino disponível, mas a vida rudimentar que levavam não requeria subtilezas para nada, exceptuando os combates.

— O vosso cartão? — solicitou o mordomo.

Fogo do Inferno. As pessoas ainda recorriam a tais minudências? A corte que contava criar teria de usá-los?

— Não tenho — disse Theran, sentindo-se como uma criança embaraçada, apanhada a fingir-se de adulta.

A mão do mordomo virou-se. O tabuleiro desapareceu.

— Como vos chamais?

Theran hesitou. A sua família sobrevivera na clandestinidade. Todavia, será que alguém em Kaeleer entenderia o significado do nome?

— Theran Grayhaven — disse, de modo relutante.

— Território? — insistiu o mordomo após um momento de silêncio.

— Dena Nehele.

O mordomo inclinou a cabeça ligeiramente, indicando entendimento.

— Vou procurar saber se o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan está disponível para vos receber.

— Não preciso de falar com o... — Estava a falar para as costas do mordomo, pelo que não valia a pena prosseguir. Além disso, o homem não se afastou muito – foi até ao fundo do enorme salão.

Depois de bater à porta, o mordomo entrou numa divisão adjacente e voltou a sair pouco depois.

Não seria nada subtil na humilhação que sofreria se o mordomo o informasse de que o Príncipe não estava disponível.

— Por aqui — disse o mordomo.

Theran seguiu o homem até à porta entreaberta. O mordomo entrou e anunciou:

— Príncipe Theran Grayhaven do Território de Dena Nehele.

— Obrigado, Beale — respondeu uma voz grave e culta. — Ele que entre.

Beale afastou-se, deixando que Theran entrasse, e retirou-se, fechando a porta ao sair.

A divisão tinha o formato de um L invertido. O lado mais comprido era uma sala de estar informal, com mesas, cadeiras, estantes e um sofá em pele tão grande que um homem adulto poderia aí dormir. O lado mais curto da divisão tinha estantes do chão ao tecto na parede do fundo, veludo vermelho a cobrir as paredes laterais e uma enorme secretária em madeira escura com duas cadeiras em frente para as visitas.

Detrás da secretária ergueu-se o homem mais belo que Theran alguma vez vira. De tez haylliana – espesso cabelo preto, olhos dourados e pele morena clara. Porém, o homem deslocava-se com uma graciosidade tal a ponto de não parecer humano e, ao contornar a secretária, Theran sentiu o ímpeto do ardor sexual.

— Príncipe Grayhaven.

A voz acariciou-o, qual xarope cálido a deslizar sobre a pele, provocando uma excitação inoportuna.

— Sou o Daemon Sadi.

Claro que era Sadi. Quem mais poderia ser?

Ouvira histórias. Quem não as ouvira? Naquele momento tivera um vislumbre do que motivara a designação de Sádico. Todos os Príncipes dos Senhores da Guerra possuíam aquele ardor sexual até certo ponto, mas nunca conhecera um Príncipe dos Senhores da Guerra que conseguisse seduzir minimamente um homem habitualmente indiferente somente com algumas palavras, somente por caminhar em direcção a essa pessoa.

Foi então que a porta se abriu, Sadi olhou em volta e Theran sentiu o chão a desmoronar-se debaixo dele.

Julgara que o ardor sexual tinha sido um ardil deliberado para o desorientar. Não era. O ímpeto que sentira ao entrar naquele gabinete era Sadi com a sexualidade acorrentada. Um olhar para a mulher que acabara de entrar e Sadi...

Theran ficou petrificado. Nos melhores momentos, os Príncipes dos Senhores da Guerra eram territoriais, letais quando se tratava de uma amante. Uma mulher podia acabar a relação com um Príncipe dos Senhores da Guerra sem receio, mas o único tipo de macho que tinha capacidade de sobreviver a uma tentativa de invasão era um Príncipe dos Senhores da Guerra mais poderoso.

A partir do que estava a detectar no odor psíquico de Sadi, esta mulher era indubitavelmente a amante, e como Theran era um desconhecido, o simples facto de estar na mesma sala com ela poderia bastar para incitar Sadi à destruição.

Não era bonita, concluiu Theran. Atraente de modo invulgar, mas decididamente não era bonita, era essa a sua opinião. O cabelo louro estava desgrenhado e demasiado curto para considerá-lo atraente. Além do mais, tinha um ar demasiado escanzelado para possuir as curvas que tanto interessavam a um homem.

Todos aqueles elementos que teria levado Theran a rejeitá-la como possível parceira, não pareciam ser relevantes para Sadi. O desejo naqueles olhos dourados quando olhava para ela, o desejo que acentuara o odor psíquico...

Ela parou, semicerrou os olhos azuis e balançou nos calcanhares.

— Vou montar o Noitibó — disse. — O Beale disse que querias falar comigo antes de eu sair.

— Leva um chapéu — disse Daemon.

Fez beicinho.

— Não gosto de chapéus.

Daemon aproximou-se dela.

Theran ajeitou o casaco de modo a ocultar a reacção ao ardor que jorrava do outro homem.

A mulher semicerrou um pouco mais os olhos, aparentando não sentir o efeito da sensação de sedução que cobria a sala.

Daemon tomou-lhe o rosto nas mãos.

— Tens de usar um chapéu quando vais para o sol — disse com a voz arrastada.

— Mas tu não usas chapéu.

— O meu nariz não fica rosa vivo e a pelar.

Franziu o sobrolho para Daemon.

— Uma vez que adoro esse nariz — disse Daemon, beijando a ponta do nariz adorado — e o resto do teu rosto e tudo o resto em ti...

As mãos de Daemon acariciaram-na delicada e minuciosamente, enquanto percorriam os ombros, passando para as costas, com os braços a apertarem-na contra ele enquanto a boca dele cobria a dela num beijo que...

Theran sentiu as pernas a fraquejar. Devia olhar para outro lado, conceder a Sadi e à mulher alguma privacidade. Contudo, não conseguia desviar o olhar.

Ansiava por aquela espécie de ardor e desejo. Espera vir a encontrá-los na nova Rainha que viesse a reger Dena Nehele.

E esperava conseguir sair daquele gabinete logo que possível.

Como raio é que alguém conseguia viver naquele lugar?

Sadi lá acabou o beijo e libertou a mulher. A amante apoiou as mãos contra o peito dele, como se fosse afastá-lo, mas não se mexeu.

— Mãe Noite — disse, entre dentes. À segunda tentativa, conseguiu afastar-se de Sadi e ficar de pé sozinha. De seguida, examinou os olhos dourados e cálidos que a observavam. — Tudo bem. Eu ponho a porcaria do chapéu.

— Obrigado — ronronou Daemon.

— Estás todo inchado, não estás?

A resposta foi um enorme e radioso sorriso.

Quando a mulher já se dirigia à porta, Daemon agarrou-a e fê-la virar-se.

— Gostaria de te apresentar uma pessoa — disse.

Theran sentiu aqueles olhos azuis a fixarem-se no seu rosto e seria capaz de jurar que tinham mudado para um tom mais escuro, um azul-safira que se tornou numa entrada para algo perigoso, algo selvagem. Algo que não conseguia designar mas que não desejava ver.

— Este é o Príncipe dos Senhores da Guerra Theran Grayhaven, de Dena Nehele — informou Daemon. — Não disse, mas creio que podemos afirmar que a sua linhagem remonta a Jared, um Senhor da Guerra que eu conheci há alguns séculos.

— Jared — disse ela com uma voz que provocou arrepios a Theran. — E Lia?

Com receio de responder – e ainda com mais receio de não responder – Theran anuiu.

Não conseguia desviar o olhar daqueles olhos azul-safira.

De repente, os olhos da mulher voltaram a ficar simplesmente azuis.

— Bem-vindo ao Paço, Príncipe Grayhaven.

Quiçá por estar a habituar-se à sensação de partilhar uma sala com Sadi, conseguia finalmente ter noção da mulher.

Uma rainha. Estava certo de que se tratava de uma Rainha. Tal casta

tinha um odor psíquico distinto. Porém, não conseguia discernir se usava Jóias claras ou escuras. Parecia circundar a Verde que Theran usava, parecendo mais clara num momento e mais escura logo a seguir.

Ainda deves estar baralhado, pensou. Os Sangue possuíam uma Jóia de Direito por Progenitura e uma Jóia de categoria, e cada uma delas emitia uma sensação nítida e distinta. Como a sobrevivência dependia muitas vezes do conhecimento quanto à tonalidade das Jóias da pessoa que se enfrentava, as informações contraditórias como as que estava a detectar provenientes da mulher podiam revelar-se fatais.

— Príncipe Grayhaven — disse Daemon —, esta é a minha esposa, a Senhora Jaenelle Angelline.

— Muito prazer, Senhora.

Um cavalo relinchou, dando a entender aborrecimento, seguido do som de cascos a bater numa superfície dura.

Jaenelle ergueu o polegar por cima do ombro.

— A minha montada está a ficar impaciente.

Theran perguntou-se porque haveria alguém de levar um cavalo para o salão principal – e também porque teria ouvido o relincho com tal nitidez – mas não teve oportunidade de perguntar.

— Sentai-vos — disse Daemon. — Volta já.

Grato por ficar sozinho, Theran passou as mãos pelo rosto. Depois dos últimos minutos, precisava de uma longa caminhada ou de um duche frio – ou de ambos.

Enquanto acompanhava Jaenelle até ao salão principal, Daemon tocou delicadamente na mente do ganhão.

Preciso de falar com a Senhora antes de partirem.

O ganhão, envergando um freio e tão pouco cabedal que mal podia chamar-se sela, lançou a cabeça para trás, deixando ver a Jóia Cinzenta habitualmente escondida sob a crina que caía sobre a testa.

Noitibó era parente – a designação dada aos Sangue que não pertenciam à raça humana. Um corpo diferente e uma raça diferente, ainda assim, um Príncipe dos Senhores da Guerra não deixava de ser um Príncipe dos Senhores da Guerra, e aqueles que tinham escolhido Jaenelle como Rainha tinham aprendido a trabalhar em conjunto de modo a partilhar a Senhora. Na maior parte das situações.

Theran Grayhaven disse Daemon por meio de um fio psíquico destinado exclusivamente a Jaenelle. *O que achas dele?*

Porquê o interesse?

Veio pedir um favor. Posso ouvir o que tem a dizer ou indicar-lhe a saída.

Quando olhou para ele, Daemon viu quem estava sob a superfície: Feiticeira. O mito vivo. Sonhos tornados realidade. A Rainha, ainda que já não regressasse.

Esta tarde, teci uma teia entrelaçada disse. *Daí esta vontade de ir montar – para deixar a minha mente repousar enquanto me concentro em algo físico.* Fez uma pausa. *Ele está aí contido, Daemon. Bem como a ligação que o une a Jared e Lia. Espero que uma boa cavalgada desanuvie a minha cabeça e me ajude a entender a visão.*

Assim sendo, ouvirei o que tem a dizer e irei convidá-lo a pernoitar no Paço.

Jaenelle assentiu.

Ora bem disse Daemon. *Esta tarde vais montar o Noitibó. E a mim? Montas-me logo à noite?*

Daemon!

A combinação de choque e de riso na voz de Jaenelle transmitiu a Beale, ao lacaio Holt e até ao cavalo, o assunto da conversa que estavam a manter. O rubor que abrasava as faces da mulher quando se deu conta de que preferira o nome dele em voz alta, *naquele* tom de voz, confirmou as suposições dos outros machos.

— Foi só uma pergunta — justificou-se Daemon, tentando soar submisso e não divertido – ou excitado.

Olhou de relance para Beale, cuja boca formou um ligeiríssimo sorriso, apesar da expressão em tudo o resto inflexível.

Mãe Noite, teria de solicitar ao mordomo que *não* preparasse um jantar íntimo. Sob aquele exterior intimidativo, Beale era um romântico e não hesitaria em exilar Theran num quarto de hóspedes, providenciando-lhe um jantar num tabuleiro para que a Senhora Angeline pudesse jantar em privado com o amante, que era também o seu marido adorado. Como gostava muito mais da ideia de um jantar privado do que ter de fazer companhia a um homem que enfurecera o pai, teve de impedir que a ideia ganhasse contornos mais reais. Pelo menos naquela noite.

Ao que parecia, os pensamentos tinham transparecido em demasia pois Jaenelle fitava-o. Felizmente, não desviara o olhar do seu rosto.

Ao virar-se, Jaenelle apontou para Beale, dizendo:

— O nosso hóspede junta-se a nós ao jantar. Espero por ele à mesa.

Beale olhou de relance para Daemon, que encolheu os ombros.

— Muito bem, Senhora.

Jaenelle passou por Noitibó e saiu porta fora.

— Príncipe Noitibó — chamou Holt em voz baixa.

Mediante a Arte, o lacaio deslocou um chapéu pelo ar, que atravessou o salão principal. Noitibó apanhou a aba do chapéu com os dentes, inclinou

a cabeça para trás e para a frente, virou-se e saiu pela porta da frente, que se fechou atrás dele.

Daemon ficou a olhar para a porta. Mãe Noite, Jaenelle ia ficar tão danada quando o Noitibó fincasse as patas, recusando-se a sair dali até ela pôr o chapéu na cabeça.

— Ora bem — disse —, qual de vós informou o cavalo?

Não obtendo resposta de Beale nem de Bolt, acenou com a cabeça.

— Assim sendo, pagamos os três.

Os Sangue sobreviviam numa dança de poder de grande complexidade. Havia a casta, a categoria social e a categoria de Jóia e um padrão em constante mutação que definia quem dominava. Não importava qual o instrumento de medição que se usasse, era *ele* o macho dominante no Paço. Na verdade, em todo o maldito Reino. Contudo, em determinados momentos, como aquele, agradava-lhe saber que todos os machos que viviam no Paço eram iguais num aspecto: todos serviam e eram excelentes a avaliar as capacidades uns dos outros e a deixar que aquele que tivesse mais probabilidades de vencer tomasse as rédeas.

Como era óbvio, a Jaenelle nem sempre agradava o facto de funcionarem tão bem juntos. E isso também agradava a Daemon.

Até se lembrar daquilo que o aguardava no gabinete.

Daemon inclinou a cabeça na direcção da porta do gabinete.

— Uma cafeteira de café e o que quer que a D. Beale tenha pronto para ser servido.

— Estareis indisponível? — Quis saber Beale.

Daemon ponderou na alegação de Theran de que Daemon estava em dívida para com a família Grayhaven e também na convicção de Jaenelle de que Theran estava relacionado com a visão que tivera.

Jaenelle fora treinada pelas arachnianas, as aranhas douradas tecedeiras de sonhos, na tecelagem de teias oníricas e de visões. Presentemente, ainda que os seus poderes estivessem longe do que tinham sido, era a mais notável – e letal – Viúva Negra em Kaeleer.

Por isso, escutaria a alegação de Theran e, ouvisse o que ouvisse, o outro Príncipe dos Senhores da Guerra juntar-se-ia a ele e à sua Senhora ao jantar.

Quanto à hipótese de Theran Grayhaven voltar a ver outro nascer do sol, essa era outra questão.

Olhou para Beale e viu que o mordomo entendia a natureza do homem a quem o Paço pertencia.

— Sim — disse Daemon delicadamente. — Estarei indisponível.

Dera-se uma alteração, pensou Theran enquanto observava Daemon a voltar a entrar no gabinete e a sentar-se por detrás da secretária em madeira

escura. A sexualidade estava novamente controlada, graças às Trevas, ainda que o estado de espírito estivesse mais ligeiro e, ao mesmo tempo, mais sinistro do que quando Theran ali entrara pela primeira vez.

Sadi recostou-se na cadeira, juntou os dedos esguios defronte de si e apoiou no queixo as unhas tingidas a negro dos dedos indicadores.

— Foi-me dado a saber que julgas que estou em dívida para contigo — disse Daemon.

Fogo do Inferno.

— És efectivamente descendente de Jared, não és?

— Sou — respondeu Theran. — O último da linhagem que remonta a Jared e Lia, a última Rainha de Jóia Cinzenta que existiu em Dena Nehele.

— Tendo em conta essa linhagem, estou disposto a ouvir o que tens a dizer.

As palavras foram proferidas com cortesia, mas aquela voz grave estava cada vez mais gélida.

Que palavras poderia escolher para algo de tão grande monta, quando estava tanto em jogo?

Despiu o casaco e fê-lo desaparecer para se conceder um pouco mais de tempo. Não pensara em mais nada durante a viagem da Fortaleza ao Paço — o que dizer, como explicar. Naquele instante...

— Precisamos de uma Rainha.

Daemon ergueu uma sobrancelha.

— Perdão?

Theran inclinou-se para a frente, agarrando os braços da cadeira com tal força que as mãos começaram a doer-lhe.

— Não entendeis o que o meu povo tem passado. Duas gerações a seguir a Lia — somente duas! — e a linhagem falhou. A última Rainha Grayhaven usava uma Jóia *Amarela*. Nem sequer teria sido Rainha de Território se não fosse Grayhaven. A seguir... — Engoliu em seco.

— A seguir — prosseguiu Daemon —, governaram as Rainhas dispostas a vender-se a Hayll para alcançarem um poder que de outra forma não conseguiriam. Aquelas que se opuseram ao desejo de Dorothea de controlar Terreille por inteiro foram quebradas, ficando com um poder diminuto ou nulo ou foram mortas de imediato para que os machos não tivessem alternativa a não ser servir as escolhidas de Dorothea.

Theran olhou abismado para Daemon.

— Como soubestes?

— Durante demasiados anos fui escravo de prazer, controlado por Dorothea e pelas senhoras às quais ela me vendia. Testemunhei a queda de alguns Territórios, povoação após povoação, corte após corte, até nada decente restar, até não restar ninguém honrado. — Daemon sorriu amar-

gamente. — Oh, eu chacinei as queridinhas da cabra. Enterrei mais do que alguém poderá imaginar. Fogo do Inferno, alturas houve em que eu e o Lucivar destruimos cortes inteiras. Porém, Dorothea era como uma erva daninha com uma raiz funda. Por mais que cortássemos, a sua influência perniciosa voltava a crescer. Voltava sempre a crescer — até ao momento em que a sua corrupção e a da cabra que a apoiava foram purgadas dos Sangue para todo o sempre.

Theran humedeceu os lábios.

— A tempestade de poder de há dois anos. Sabeis o que se passou?

Um assomo esquisito tremulou nos olhos de Daemon.

— Sim — disse. — Sei o que se passou. Sei o que provocou — e sei o que custou.

Sabes o que te custou, pensou Theran, na esperança de que Daemon fosse mais compreensivo do que aparentava.

— Aquela tempestade levou-nos metade dos membros dos Sangue em Dena Nehele. Perdemos metade dos sobreviventes reprimindo as insurreições dos plebeus que se seguiram a essa tempestade. Resta uma centena de Príncipes dos Senhores da Guerra em todo o Território de Dena Nehele. *Uma centena*. A minha Jóia Verde é a mais escura aí existente. — Não era, mas não queria mencionar Talon.

— Theran...

— Não temos Rainhas. — Theran passou os dedos pelo cabelo, acabando por fechar os punhos e puxar até sentir um ardor no couro cabeludo.

— *Theran*.

Largou o cabelo, voltando a apertar os braços da cadeira.

— Está bem, temos algumas Rainhas. Mas são idosas. Ou são meninas demasiado jovens para lidar com homens adultos, em especial homens tão instáveis como Príncipes dos Senhores da Guerra. Temos um punhado de Rainhas adolescentes, mas começam a comportar-se como as Rainhas das quais nos conseguimos, enfim, libertar, e ouvem-se murmurinhos de que os Príncipes dos Senhores da Guerra preferem matá-las do que permitir que uma cabra daquelas chegue à idade de governar. Se tais raparigas agem como as Rainhas anteriores e se as aceitarmos, não vingámos. Todo o sangue derramado e as pessoas que se perderam teriam sido em vão.

Como Daemon não respondia, Theran atirou-se à centelha de esperança que Talon lhe concedera:

— Já idoso, moribundo devido aos ferimentos da sua derradeira batalha, Jared confiou a um amigo chegado o que vou dizer. Disse ele: “Se a carência for de grande monta e nada mais a família possa fazer para que Dena Nehele sobreviva, encontrem Daemon Sadi. Peçam-lhe ajuda. Mas uma única vez”. — Theran cerrou os olhos por um instante. — Foram as

últimas palavras de Jared. Bom, fizemos tudo ao nosso alcance. Lutámos e sangrámos e vimos o nosso povo afogar-se na imundície de Hayll. Agora, resto eu. *O último*. Por isso aqui estou, a pedir ajuda.

Um silêncio demorado, interrompido por alguém a bater à porta. Tudo o que estava em cima da secretária desapareceu, dando lugar a um tapete entrançado enquanto Beale entrava com um tabuleiro, colocando-o no centro da secretária.

— Obrigado, Beale — disse Daemon.

Depois de Beale sair, Daemon serviu o café a ambos e recostou-se na cadeira, ignorando as sanduíches finas e os bolinhos de avelã que também estavam no tabuleiro.

— Dizes que precisam de uma Rainha — proferiu Daemon. — Ao certo, o que procuram?

Theran bebeu um gole de café para humedecer a garganta repentinamente seca, respirou fundo – e respondeu.

O jantar terminou; o esforço tenso para agir como um anfitrião cortês e interessante terminara – pelo menos naquela noite.

Daemon estava de pé, em frente da cómoda no quarto do Consorte, a olhar para o espelho.

— Já tiveste dias piores, meu velho — disse ao seu reflexo. — Sabes bem que já tiveste dias piores.

Mas a saraivada de palavras de Theran deixara-o a sentir-se conspurcado e desalentado; escutar aquela mistura específica de esperança e desespero avivara memórias ao ponto de incharem e rebentarem na sua mente como pus a escorrer de uma ferida infectada.

Ouvira aquelas palavras antes. Ouvira-as ao longo de séculos. Vira jovens a ficarem idosos e a cederem sob a mescla de esperança e desespero.

O facto de Theran ser tão parecido com Jared não ajudava, era como se todas as gerações entrementes tivessem sido eliminadas. Porém, Theran não era Jared e tinha presente alguma diferença interna que Daemon reconhecia mas não conseguia denominar – e era por causa dessa diferença que considerara Jared como amigo e jamais consideraria Theran como mais do que um conhecido. Nada indiciava que não fosse um bom homem, empenhado em ajudar o seu povo, mas...

Bateram à porta que ligava o seu quarto ao de Jaenelle.

— Entre — disse, virando costas ao espelho.

Ela entrou, vestida com um sedoso roupão azul-safira.

Sentiu um aperto no estômago. Naquela tarde, fora ele que sugerira – merda, fora além da sugestão – de que estaria interessado em sexo nessa noite. Contudo, fora antes de falar com Theran, antes das farpas das memórias

se engancharem na mente e no coração. Presentemente, esperava que ela estivesse demasiado cansada e não desejasse mais do que aninhar-se com ele.

— Não quiseste falar sobre o assunto ao jantar — disse Jaenelle —, mas preciso de saber qual o tipo de favor que o Theran está a pedir. — Estendeu-se na cama, apoiou a cabeça numa mão e examinou-o. — Daemon, estás bem?

— Sim, estou bem. — Não estava, nem de perto, e precisava de lhe dizer em vez de tentar ocultar o que sentia.

Falar. Ela queria falar. Pelo menos isso conseguiria fazer.

Tirou a carteira do bolso interior do casaco preto e deixou-a cair na cómoda antes de despir o casaco e pendurá-lo no cabide para que o criado particular pudesse avaliar se precisava de ser limpo, passado a ferro ou simplesmente arejado. Passara muitíssimos anos sem um criado particular e alturas havia em que sentia saudades da independência de ser *dono* do seu guarda-roupa. Por outro lado, Jazen tinha a capacidade de manter as camisas preferidas escondidas, deixando outras à mostra como isco para quando Jaenelle lhe ia vasculhar o guarda-fatos. Era essa a única razão pela qual se dispunha a seguir as regras do criado particular quanto ao tratamento da roupa usada.

— O Theran solicitou a minha ajuda para convencer uma Rainha de Kaeleer a mudar-se para Terreille e reger Dena Nehele — disse Daemon, voltando à cómoda. Colocou-se defronte do espelho numa posição que lhe permitia ver o rosto de Jaenelle, sendo que o seu próprio reflexo escondia o corpo da mulher.

Jaenelle sentara-se na cama dúzias de vezes, a falar com ele enquanto Daemon se despia, antes de ambos se retirarem para o quarto dela. Para o quarto deles pois usava aquele quarto somente quando ela se ausentava. Contudo, naquela noite incomodava-o, esgaratava-lhe a pele. Arranhava, arranhava, arranhava. A raspar aquelas feridas carregadas de pus.

— Podes repetir? — pediu Jaenelle.

— Dena Nehele precisa de uma Rainha que conheça o significado de ser Rainha, que conheça o Protocolo e que tenha presente o código de honra dos Sangue. Que saiba viver de acordo com os Costumes Antigos.

— E caso não encontre uma Rainha com essas características?

Daemon suspirou.

— Caso não encontre, estou em crer que o que resta de duas raças – Dena Nehele e Shalador – irão definir e findar.

Enfiou as mãos nos bolsos das calças e invocou algumas moedas como desculpa para permanecer junto à cómoda, esvaziando os bolsos e protegendo o momento em que lhe teria de comunicar que estava demasiado agitado para lhe ser útil.

— O que lhe disseste? — perguntou Jaenelle.

— Disse-lhe que ia pensar.

— E vais?

— Não.

Quando Jared respondera ao chamamento aquela derradeira vez, Daemon soubera que Dena Nehele cairia sob a campanha implacável de Dorothea para dominar Terreille por inteiro. Teria feito algum favor ao Senhor da Guerra de Shalador encorajando-o a agarrar-se ao amor enquanto fosse possível? — Os machos em Kaeleer não permitirão que uma das suas Rainhas vá para Terreille.

Uma hesitação.

— Sei de uma Rainha que pode estar disposta a tal — anunciou Jaenelle. — Conhece o Protocolo, embora muitas vezes prefira ignorá-lo, tal como nós.

Daemon resfolegou baixinho enquanto remexia nas moedas, empilhando-as e voltando a empilhá-las. As Rainhas de Território em Kaeleer pertenciam à assembleia de Jaenelle. Tinham feito parte do Primeiro Círculo e permaneciam as suas melhores amigas. Graças a Saetan, todas elas conheciam as nuances do Protocolo e o toma-lá-dá-cá de poder entre machos e fêmeas. Graças à obstinação que lhes era inerente, as Senhoras ignoravam a formalidade do Protocolo sempre que podiam. Era essa mistura que as tornava tão formidáveis – e que as tornava nas excelentes Rainhas que eram.

— É uma prima distante do Aaron — prosseguiu Jaenelle. — É uns anos mais velha do que eu. Não é uma amiga íntima, mas gosto dela. Como parte da sua aprendizagem, viveu connosco no Paço durante quatro meses para ganhar o “requite da corte”.

Sendo que a corte de Jaenelle fora o ajuntamento de poder mais informal que alguma vez conhecera, a piada de mandar alguém para ali ser treinada aliviou ligeiramente o aperto no estômago.

— Ela conseguiu adquirir esse requinte?

— O papá deu-lhe aulas de Protocolo — respondeu Jaenelle. — Não há melhor para requintar *seja quem for*.

Era mais fácil falar com o reflexo da mulher, pelo que ficou de costas viradas para o quarto enquanto continuava a remexer nos objectos em cima da cómoda.

— O que terá a corte dela a dizer quanto a ser transferida para Terreille? Jaenelle hesitou.

— De momento, não tem corte. É por isso que julgo que estaria disposta a aceitar.

Daemon olhou para o belo rosto exótico de Jaenelle, que pouco deixava transparecer o Eu maravilhoso e espantoso que vivia para lá da superfície

humana. Era capaz de crueldade, mas essa crueldade estava sempre entrançada de justiça.

O que vira ela na teia entrelaçada?

E porque estaria o braço antes coberto pela seda azul-safira agora desnudado?

— O que aconteceu à corte dela? — Sentiu um novo aperto no estômago ao mesmo tempo que o gume do seu temperamento se aguçava.

— Em vez de renovarem os contratos, todo o Primeiro Círculo renunciou, levando ao desmembramento da corte.

— Porquê? — perguntou com uma calma extrema. Eram escassas as razões que levariam *todos* os machos a abandonarem uma Rainha e nenhuma dessas razões seria benéfica para Theran ou Dena Nehele.

— Não vais gostar da resposta.

Já não estava a gostar de nada daquilo.

— Diz-me.

Jaenelle suspirou.

— Usa Jóias Rosa, o que a torna uma Rainha de menor importância num Território como Dharo; não descende de uma família da aristocracia e... — crispou-se — não é bonita.

A fúria elevou-se em Daemon, como gelo derretido.

— Foi por isso? *Só por isso?*

— Não pode oferecer pompa e magnificência. Não faz parte do seu temperamento. Mas é uma boa e estável Rainha e possui a perseverança de se aplicar com diligência e trabalhar.

Daemon suspirou ruidosamente e rodou os ombros para tentar libertar-se de alguma tensão. Para tentar libertar-se daquela terrível mescla de esperança e desespero que estava a obstar à clareza dos seus pensamentos. Contudo, tinha feito o que estava ao seu alcance, não tinha? Até naquele preciso momento, estava a fazer o que conseguia.

— Bom, o Jared terá de abdicar de algumas exigências para obter o resto, mas...

— O Jared? — interrompeu Jaenelle.

A voz dela soou-lhe estranhamente estridente, o que levou a espicaçar-lhe o temperamento, a afiar-lhe um gume letal. Estava tão cansado, naquela noite. Tão desesperadamente cansado. Ainda assim, tinha de entrar no jogo. Dorothea não conseguiria provar que ajudara o Senhor da Guerra de Shalador, embora ultimamente as mulheres que escolhia para o usarem como escravo de prazer representassem uma farpa acrescida de crueldade.

— Porque estamos nós a falar do Jared?

Virou-se para a cama.

— Porque...

Recuou de encontro à cómoda com tal força que abanou tudo o que estava em cima. O coração batia desenfreadamente no peito e o corpo ficou subitamente – e dolorosamente – excitado.

Estava uma cabra imunda esparramada na *sua* cama.

Estava deitada de lado, com a cabeça apoiada numa mão, uma perna mais à frente e dobrada pelo joelho para manter o equilíbrio. Nada havia de ostensivamente provocador naquela posição, o que significava que era mais esperta do que as cabras que tinham tentado antes dela. Usava meias transparentes até meio da coxa. Não precisava de um cinto de ligas pois a Arte segurava as meias. Por cima, usava uma simples camisa branca que dava acima das meias, de um tecido transparente que não ocultava o corpo.

Também não ocultava o facto de não estar a usar mais nada por baixo.

Sentiu o pénis a pressionar as calças, ansiando ser embainhado dentro dela e inundá-la de esperma.

Cabra. Cabra imunda.

— Daemon?

Conseguira. Aquilo que nenhuma outra fora capaz, *esta alcançara*. Fizeram com que sentisse desejo, carência. Quando a cabrinha informasse Dorothea de que *era possível* excitá-lo, a escravidão a que estava sujeito não seria *nada* em comparação com o que lhe seria feito de modo a procriar com as cabras escolhidas por Dorothea.

— Daemon? O que se passa?

E a única coisa imaculada que lhe restava, a única coisa pura que não oferecera a ninguém, ser-lhe-ia retirada. Tal como tudo o resto.

Por causa da cabra que estava a conspurcar-lhe a cama.

A mulher sentou-se. Aproximou-se da beira da cama. Da cama *dele*.

— Acho que é melhor ir-me embora.

Ir embora? Não, não, não. Pelo menos até conseguir purgar alguma da raiva que sentia, uma parte do ódio, uma porção de *desejo*.

Ergueu a mão direita. A Jóia Negra no anel cintilou. Viu a mulher a ficar nervosa no momento em que bloqueios e escudos Negros rodearam o quarto, aprisionando-a lá dentro. Com ele.

Aquele quarto era dele, o único pedaço de paz e privacidade que conseguia reclamar. Era a sua cama, que não partilhava com ninguém. O corpo dela pertencia-lhe a seu contento.

Deu um passo em direcção à cama, deliciado pela forma como a via tremer. Não era de antecipação. A cabrinha tinha, por fim, descortinado que o que encontraria na cama de Daemon não seria prazer.

Deu outro passo.

Tentou fugir, tentou saltar da cama.

Rosnando ferozmente, apanhou-a, atirou-a de novo para a cama e co-

locou-se em cima dela, forçando-a a abrir as pernas, a impelir-se contra ela, a sentir um deleite obscuro no conhecimento de que no instante em que fizesse as roupas desaparecer, o seu pénis entraria nela com força.

— *Daemon*.

Vá lá, pensou ele. *Implora agora que não consigues controlar o que está para vir. Jamais conseguirias controlar o que aí vem.*

Apertou-lhe os pulsos com as mãos. Apertou mais e mais até pouco faltar para lhe partir os ossos. Sentiu a pulsação dela nos seus dedos. O coração embatia no peito.

Sentiu o odor do medo dela. Deleitou-se nesse aroma.

Virou a cabeça, como se estivesse a desafiá-lo, negando-lhe a boca.

Fincou os dentes no ponto de ligação do pescoço e do ombro direito...

E inalou uma fragrância que o acalmou e excitou. Lambeu esse ponto e sentiu um sabor mais capitoso do que o melhor dos vinhos. E soube que corpo era aquele que tremia sob o seu.

— Jaenelle — sussurrou, focinhando aquele ponto, inalando os odores que pertenciam somente àquela mulher. — Jaenelle.

Relaxou as mãos sem lhe largar os pulsos, mas o toque era agora delicado. Tão delicado.

— Jaenelle. — Estava a salvo. Estava a salvo. Ela não o magoaria por desejá-la. Não o castigaria por precisar dela.

Podia oferecer-lhe tudo isso pois fora por ela que esperara.

Ao erguer a cabeça para olhar aquele rosto adorado, Daemon percebeu que havia algo de errado no quarto.

Não tinha o cheiro dela. Somente o dele.

— Beija-me — segredou-lhe, para logo se entregar num beijo cruelmente delicado.

Precisava dela, não conseguiria sobreviver sem ela. Carecia do odor da excitação dela, da inundação do prazer da mulher na sua cama.

Era o seu quarto. A sua cama. E...

Contemplou a mulher que estava acima de tudo o resto e pensou: *Mi-nha*.

CAPÍTULO CINCO

Kaeleer

Theran olhou para o homem que entrava na sala do pequeno-almoço e pensou: *Predador*.

O estado de espírito de Daemon Sadi podia ter repercussões fatais para os restantes machos naquele lugar. A julgar pela postura de Beale, como se um tique na altura errada levasse à evisceração de alguém – ou pior –, o mordomo também reconheceria o perigo. A diferença era que Beale parecia estar a oferecer a Sadi algo que este pretendia, enquanto ele próprio...

Atreveu-se a examinar num ápice aquele belo e gélido rosto antes de concentrar a atenção no prato à sua frente.

Em Dena Nehele, tinham duas formas de descrever um homem que passara uma noite excitante na cama: montado à bruta ou bem tratado. Um homem bem tratado chegava à mesa do pequeno-almoço mostrando uma satisfação indolente e saciada. Um homem que tivesse sido montado à bruta podia ter tido *algum* alívio de sexo, mas não deixara de estar irritado e à procura de uma desculpa para outro género de alívio. Quando um Príncipe dos Senhores da Guerra procurava *esse* género de alívio, era certo que seria derramado sangue – e demasiados amigos e famílias acabavam a lamentar os mortos.

Sadi puxou uma cadeira e sentou-se defronte de Theran. Logo a seguir, Beale serviu uma chávena de café ao Príncipe e, sem perguntar, apresentou um prato de comida ao homem.

— Estará pronto não tarda — disse Beale calmamente.

Acenando com a cabeça, Sadi pegou na chávena de café simples.

Correntes subterrâneas. Qualquer homem que vivesse em Terreille aprendera a reconhecê-las. Mesmo alguém que passara a vida em acampamentos de proscritos.

A voz de Beale deixava transparecer preocupação – e compreensão. A mesma preocupação que Theran ouvira nas vozes de homens mais velhos ao tentarem apoiar um jovem que fora deturpado por jogos de alcova.

Houve até um instante antes de Beale sair em que Theran julgou que o mordomo iria pousar uma mão consoladora no ombro de Sadi.

Reconheceu todos os sinais e conhecia os respectivos significados, mas que raio de mulher seria corajosa – ou idiota – a ponto de deturpar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra?

A mulher de Sadi.

Aquela primeira troca a que assistira entre a Senhora Angelline e Sadi não lhe deixara dúvidas de que a atenção de Daemon ficava completamente centrada na mulher sempre que ela entrava nalgum lugar. Julgou que se devia ao facto de estarem ainda a viver o primeiro ano de casamento – uma altura em que os pensamentos de um homem não se afastavam muito da cama.

Agora ficara cismado. Quem era Jaenelle Angelline? Ouvira falar de Sadi – quem *não* ouvira histórias acerca do Sádico? – mas a esposa do Príncipe, a filha adoptada do anterior Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, que era Rainha sem corte e que não regia lugar nenhum, segundo lhe era dado a entender, nem sequer a pequena povoação no final da estrada que saía do Paço. Usava uma Jóia tão peculiar que nunca vira nada parecido. Tudo o que lhe dizia respeito para lá da vida ali no Paço dos SaDiablo estava interdito a perguntas ou qualquer tipo de conversa. Sadi deixara-o bem claro durante o jantar que reunira os três na noite anterior.

Outro aspecto que estava agora a ganhar clareza era que, independentemente do modo como se apresentavam perante os serviçais e os convidados, independentemente da forma como Sadi era apresentado como o poder dominante em Dhemlan, quando a porta do quarto se fechava à noite, *ela* tinha um Príncipe dos Senhores da Guerra a comer-lhe na mão e não receava ser mordida.

Desta forma, chegara à incómoda conclusão de que teria de negociar com a *Senhora* Angelline e não com o Príncipe Sadi.

Olhou para cima e percebeu que aqueles letárgicos olhos dourados estavam centrados nele, e assim fora enquanto divagava – e tinha a sensação aterradora de que Sadi estava a analisá-lo até à última gota de sangue e à mais pequena lasca de osso.

Um frio repentino abeirou-se da mesa, bem como uma advertência tácita: *Mantém as mãos e os pensamentos afastados da minha mulher.*

— Príncipe?

Graças às Trevas, pensou Theran quando Daemon virou a cabeça e olhou para o mordomo que estava à entrada.

Beale fez um aceno com a cabeça.

Daemon afastou a cadeira, hesitou momentaneamente e invocou uma folha de papel, deixando-a cair na mesa.

— São estas as condições para que uma Rainha de Kaeleer vá para Dena Nehele — disse Daemon. — Examina-os e mais tarde poderás comunicar-me a tua decisão.

Theran aguardou até Daemon sair antes de suspirar de alívio, a ponto de estremecer.

E se dissesse ao mordomo que ia dar um passeio pela propriedade, conseguisse apanhar os Ventos e alcançar a Fortaleza antes que dessem conta da sua ausência? Quem sabe conseguisse convencer o bibliotecário haylliano a ajudá-lo a atravessar o Portão e regressar a Terreille?

E se desperdiçasses a única possibilidade de encontrar alguém que poderá ajudar o teu povo? Se fugires neste momento, fugirás de todos. Jared e Blaed não fugiriam. Teriam ficado assustados – Fogo do Inferno, não eram estúpidos –, mas não fugiriam.

E ele também não iria fugir.

Conformado, Theran pegou na folha de papel para ler as condições.

Com o tabuleiro de pequeno-almoço carregado, Daemon parou à porta do quarto.

Controla-te, porra. Tranca-o bem. Domina-o.

Era Daemon Sadi, Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, marido de Jaenelle Angelline. Naquela manhã, era tudo o que era. Tudo o que se permitia ser.

Sufocado pela trela do autocontrolo, atravessou a porta e os escudos que ainda circundavam o quarto. Quando saíra discretamente do quarto aos primeiros sinais da alvorada, podia ter mudado os bloqueios e os escudos para Vermelho, impedindo Jazen de entrar, mas permitindo que Jaenelle saísse. Não o fizera. Ela estava ainda deitada, aninhada debaixo dos cobertores, precisamente como a deixara.

Afinal, não era bem assim, percebeu quando a viu ao contornar a cama. Levantara-se e vestira a camisa – e, certamente, dera conta de que a trancara nos aposentos do Consorte.

Abriu os olhos. Não conseguia discernir quem o fitava – Jaenelle, a sua mulher... ou a Feiticeira.

— Ainda estou a decidir se estou muito satisfeita contigo ou muito zangada — disse Jaenelle.

Cautelosamente esperançoso, pois não pensara existir *qualquer* hipótese de estar satisfeita com ele, soergueu o tabuleiro para lhe chamar a atenção.

— Trouxe-te o pequeno-almoço.

— Trouxeste café?

— Trouxe. — Obviamente que trouxera café. Caso contrário, não se atreveria a entrar no quarto.

Aguardou até Jaenelle estar sentada e confortável antes de lhe pousar o tabuleiro no colo.

Um olhar contundente fê-lo sentar com cuidado à beira da cama. Não falou enquanto Jaenelle inspeccionava o conteúdo do tabuleiro.

— Omeleta de legumes e — levantou as sobranceiras ao passar para a seguinte — omeleta de marisco.

— Foi preciso convencer a D. Beale a ceder um pouco de camarão e lagosta fria que vão fazer parte da refeição do meio-dia — disse Daemon.

Deu uma dentada no marisco – e não olhou para ele.

— Comeste?

— Não tinha fome. — Estava com tanto medo do que se iria passar que lhe bastava pensar em comida para ficar nauseado.

— Gostava de ouvir uma explicação — disse Jaenelle num tom sereno.

— Meu amor, lam...

— Uma explicação, Daemon, não um pedido de desculpas.

Engoliu as palavras e cerrou os olhos. Um pedido de desculpas teria sido mais fácil.

— Houve algo que rebentou em ti ontem à noite, de uma forma que nunca presenciéi. Creio que fui eu a provocar... ou fui a última gota. Gostaria de saber porquê.

— Não provocaste nada — resmoneou Daemon, fitando aqueles olhos azul-safira. — Não foi... — Não deixaria que acarretasse com as culpas, nem sequer um fragmento de culpa. Como poderia explicar? Por onde haveria de começar?

Jaenelle bebeu um pouco de café e aguardou.

— O quarto do Consorte é uma espécie de santuário — começou, escolhendo cada palavra com desvelo. — Um lugar onde um homem baixa a guarda. Um lugar onde não tem de representar.

Deu uma dentada numa torrada e mastigou lentamente.

— Precisas de representar, Daemon?

Abanou a cabeça e respondeu:

— Não. Nunca. Não contigo. Mas... durante grande parte da minha vida tive de representar, tinha de estar sempre atento, exceptuando aquelas poucas e preciosas horas do dia em que me encontrava sozinho. Por isso, ainda que hoje em dia a situação seja diferente – tão diferente –, gosto de ter este lugar privado. Por vezes, venho até aqui à tarde, estendo-me na cama e deixo a minha mente vaguear. — E sabia não correr perigo ao fazê-lo.

Cortou um pedaço da omeleta de marisco e estendeu o garfo.

Daemon sentiu uma pontada no estômago, mas não desviou o olhar ao inclinar-se e aceitar a oferta.

— Não vejo mal nenhum em queres um lugar para ti — disse Jaenelle.
— A cabana em Ebon Rih é o meu lugar privado que raramente partilho, mesmo com quem amo. Por isso, compreendo.

— Ao longo de todos aqueles anos em Terreille, tive de lutar para poder ter um lugar privado — disse Daemon, em voz baixa.

Percebendo que não iria acrescentar mais nada, Jaenelle vasculhou o tabuleiro.

— Ah. Está aqui outro garfo. — Entregou-lho. — Come entre as pausas.

Não sabia se aquela exigência para comer era um castigo subtil ou a confirmação de que ela estaria mais abalada pela noite anterior do que queria admitir. Caso contrário, sendo Curandeira, saberia que ele não ia conseguir comer.

Tirou um pedaço de torrada, um pouco de omeleta de legumes. Engoliu com afinco para manter a comida no estômago.

— Precisava de um lugar privado — prosseguiu Daemon. — Para manter a sanidade mental, precisava de um lugar. O *meu* quarto. Interdito a todos.

Jaenelle bebeu um pouco de café. Limpou delicadamente a boca com um guardanapo.

— Podias ter-me pedido que saísse.

— Não queria que saísse. — Manteve os olhos fitos no tabuleiro de comida, incapaz de olhar para ela. — Em todas as cortes, havia sempre alguém que desrespeitava os limites, uma mulher que constituiria a lição para as restantes. Havia sempre uma cabrinha que pensava que eu iria ceder em privado como não acontecia em público. E, certa noite, lá estava ela, vestida de modo provocante, a roçar a pele na *minha* cama.

Jaenelle retraiu-se.

— Magoava-as, Jaenelle. Mesmo quando permitia que vivessem, *magoava-as*. Violavam a ínfima paz que conseguia obter, tentando criar uma precisão, um desejo, uma resposta física que me teria condenado a uma escravidão ainda mais bárbara assim que Dorothea descobrisse que era possível excitar-me. De certa forma, aquelas cabras foram bem-sucedidas. Criavam a vontade de as magoar, o desejo de infligir dor. Quanto à reacção física, não obtinham a que desejavam, mas obtinham uma reacção – e tinham que conviver com os pesadelos para o resto das suas vidas.

— Daemon — disse Jaenelle, com ternura.

Já não podia parar.

— Foi então que ontem à noite, falar com Theran recordou-me Jared e a última vez que o vi... e os anos que se seguiram. Não foram anos fáceis para mim.

— Ontem à noite, essas memórias tomaram conta de ti.

— Pois foi. Depois, estava aqui sozinho no quarto, no meu espaço privado, a tentar sossegar as emoções, a falar contigo mas sem prestar atenção ao que dizias. A ouvir-te, mas sem prestar atenção enquanto me despia, ainda mergulhado naquela outra época da minha vida. Depois, voltei-me...

— E viste uma memória.

— Mil memórias. — Daemon engoliu em seco. — Vi o corpo e não o rosto. Vi as roupas, mas não a pessoa que estava a usá-las. Deu-se o meu pior pesadelo daqueles anos. Fiquei tão excitado que não conseguia afastar-me do que desejava. Daquilo que *precisava*. Foi como se tivesse sido lançado no cio sem aviso prévio. Depois, mexeste-te como se quisesses ir embora e... — Cerrou os dentes.

Jaenelle voltou a encher a chávena de café, demorando enquanto adicionava natas e açúcar.

— Assustaste-me, ontem à noite.

Daemon inclinou a cabeça.

— Eu sei.

— Foi superior ao cio, Daemon. — Hesitou. — Sabes quem eu sou quando estás com o cio. Ontem à noite... Não sei ao certo se sabias quem estava debaixo de ti – ou sequer se te importavas.

— Não sabia — admitiu. — Somente quando te toquei. Nessa altura...

— O odor da noite anterior invadiu o quarto e os pensamentos reuniram-se para encorajar o corpo a recordar-se do que fizera com ela debaixo dele. Todos os pensamentos encorajaram aquela porção da sua natureza que tentava com tanto afinco controlar, a voltar a despertar, a voltar a brincar, a dançar novamente com ela.

Decorrido um longo silêncio, Jaenelle disse:

— Diz.

— Quando te toquei, quando me apercebi onde estávamos e de que estava excitado por seres tu que ali estavas, tive um único pensamento: este era o meu quarto, a minha cama e tu eras... minha. Ninguém me impediria de te possuir. Ninguém me iria impedir de satisfazer todas as carências.

Estendeu a mão para a chávena de café, pensou melhor e comeu um pouco mais de omeleta.

— Assim que me apercebi que eras tu — disse, em voz baixa — tudo o que odiara durante tantos anos era o que agora desejava. Queria o teu odor nos meus lençóis. Queria lembrar-me de te ter possuído quando estivesse aqui deitado noutras noites.

Como Jaenelle não fazia qualquer comentário, remexeu na comida, comendo como forma de se ocupar.

Por fim, ela disse com um ar mordaz e divertido:

— De facto, estavas *mesmo* insistente ontem à noite. Minha, minha, minha. Tudo isto deve mesmo ter espicaçado o teu lado possessivo, não deve?

Bufou ao mesmo tempo que dava uma gargalhada.

— Acho que sim.

Puxou pela camisa entre o polegar e o indicador.

— Quanto a isto, lamento ter-te avivado memórias antigas. Não...

— Deixes de a usar outra vez. Por favor?

Pareceu ter ficado desconfiada.

Daemon tocou-lhe delicadamente na mão, o primeiro contacto desde que voltara a entrar no quarto.

— A altura foi péssima. Se te tivesse visto assim vestida no teu quarto ou mesmo neste, noutra noite qualquer... Bom, não posso afiançar que o resultado viesse a ser diferente, mas as razões que me levaram a reagir à roupa sê-lo-iam, certamente.

O que o levou a pensar em algo que não lhe ocorrera na noite anterior.

— Porque estavas *assim* vestida?

Corou. Encolheu os ombros. Remexeu na chávena de café.

Daemon aguardou, qual predador paciente.

— Li uma história em que a mulher usava uma camisa destas e o homem... — encolheu novamente os ombros. Remexeu mais um pouco.

Tentou recordar-se do que ela tinha andado a ler, mas não conseguiu lembrar-se do título.

— Talvez devesse ler o livro para tirar algumas ideias.

— Tu é que *não* precisas de tirar ideias.

Estava certo de que fora um elogio.

Como estava a sentir-se mais aliviado e a comida estava à sua frente, comeu um pouco mais.

— Voltarás a vesti-la?

— Para passar a noite neste quarto ou no outro? — perguntou Jaenelle num tom sereno.

— Nos dois — respondeu Daemon, com igual serenidade.

Um sorriso lento e malicioso.

— Em vez de negociarmos quanto à cama que vamos usar, talvez devêssemos atirar uma moeda ao ar para ver quem fica por cima.

Na noite anterior, fora ele que dominara, possuía, a mantivera debaixo dele e do seu controlo. Agora, surgira-lhe uma imagem repentina dela por cima dele, o seu corpo uma sombra brincalhona coberta pela camisa leve, as pernas revestidas naquelas meias brancas e transparentes, os dedos dele a subirem por elas até chegarem à pele húmida acima das meias, a subirem até ao calor húmido que o embainhava.

A imagem permaneceu na sua mente, mas o tom mudou, tornando-se

num calafrio obscuro e estimulante quando ela percebeu que não detinha o controlo, que ele ainda...

Deu um safanão para trás, rosnando, quando estalaram dedos defronte do seu rosto.

Jaenelle fitava-o.

— Não sei para onde vagueou o teu cérebro mesmo agora, mas, Mãe Noite, Daemon, a julgar pelo brilho nos olhos, não temos tempo para o que quer que te estava a passar pela cabeça.

Tinham todo o tempo que quisesse. Quem se atreveria a interrompê-los?

— Hoje vou para Dharo, lembras-te?

Ia-se embora? Ela ia-se *embora*?

— Daemon. Tens um hóspede, lembras-te?

Theran. Estranho. Macho. *Rival*.

— *Daemon*.

Jaenelle agarrou o pulso de Daemon. Fisicamente, ser-lhe-ia fácil libertar-se. Porém, o toque dela, a vontade dela eram a única corrente que conseguia mantê-lo controlado.

Remexeu-se na cama, tentando encontrar uma posição confortável, evitando rosnar por ela lhe negar o direito de eliminar um rival.

Jaenelle suspirou ruidosamente, mantendo a mão fechada no pulso do homem.

— Não conseguirás sossegar se eu aqui ficar e se não sossegas, o Príncipe Theran vai acabar morto.

Tinha razão e ambos sabiam.

— Precisas de sair deste quarto até ser limpo e arejado.

Também tinha razão quanto a este aspecto. Mas...

Já não era Daemon. Pelo menos, não na íntegra. Aquele outro lado dele nadava junto à superfície, querendo dançar, querendo brincar, desejando dar-lhe uma pequena amostra de medo enquanto lhe excitava o corpo e gerava um banquete de orgasmos que iam de gritos selvagens a gemidos doces e desamparados.

Levou a mão à nuca de Jaenelle e puxou-a delicadamente para a frente, com desvelo, implacavelmente. Abriu a boca que deixou quase colada à dela.

— Beija-me. — Não era um pedido. Era uma ordem lânguida.

A mulher estremeceu um pouco ao tocar com a boca na dele. Ao tocar com a língua na dele.

Um beijo delicado. Um beijo demorado que apaziguou com a promessa de ardor ao final do dia.

Afastou-se e afastou a cabeça e a libido – e o Sádico – de todos os pensamentos respeitantes ao que o corpo desejava fazer com ela.

— Estou perdoado? — perguntou.

— Por causa de ontem à noite? Claro. Por teres comido o último pedaço da omeleta de marisco? Tenho de pensar melhor.

Daemon olhou para o prato e percebeu que tinham feito um excelente trabalho a esvaziar os pratos.

— Mas não bebi café — resmoneou.

Jaenelle cerrou os dentes num sorriso feríssimo e apertou-lhe a bochecha com carinho.

— É por isso que ainda tens os dedos todos.

Daemon saiu dos aposentos do Consorte e sentiu a presença obscura nos quartos do outro lado do corredor. Sentiu um calafrio enquanto contemplava a porta da sala de estar do pai.

Ainda que tivesse revelado bastante a Jaenelle, esforçando-se por explicar o que se passara na noite anterior, muito ficara por dizer. Não conseguia dizê-lo. Não a ela.

Por um lado, estava bastante instável, não sabia se seria fiável junto dela – e isso assustava-o tremendamente.

Atravessou o corredor, bateu à porta e aguardou que a voz grave do pai lhe desse permissão para entrar. Quase sem se deter para fechar a porta, apressou-se até à cadeira onde Saetan estava a ler um livro e prostrou-se de joelhos.

— Pai.

Saetan fechou o livro, tirou e fez desaparecer os óculos em meia-lua.

— O que se passa?

A ausência de raiva da parte de Jaenelle e a solicitude em compreender tinham contribuído para que mantivesse uma crosta de calma, uma camada fina de controlo que ocultara uma fealdade em ebulição por alguns instantes.

Contudo, estava agora diante de um homem que não hesitaria em castigá-lo se assim se justificasse, que não hesitaria em magoá-lo se fosse esse o preço a pagar pela dívida. Que entenderia o alcance daquilo que fizera de errado.

— Pai — começou, com a voz embargada. — Magoei a Jaenelle. *Amedrontei-a*. — Tais palavras pouco significado teriam para a maioria das pessoas, no entanto, Saetan entenderia que não era fácil amedrontar a Feiticeira.

— Conta-me — instou Saetan.

Contou tudo a Saetan. *Tudo*. Quando terminou, encostou o rosto às pernas do pai... e chorou.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas, pensou Saetan enquanto acariciava o cabelo de Daemon e, com o movimento da mão, tecia um feitiço calmante em redor do filho.

Podia ter sido pior. Podia ter sido muito pior. Fora uma recordação dolorosa de que a mente e a sanidade de Daemon tinha sido estilhaçada em duas ocasiões – e por mais que o homem fosse forte, por melhor que tivesse sarado, remanesciam sempre cicatrizes, danos permanentes. Porém, tinha a capacidade de ajudar o seu rapaz a lidar com os medos derivados da noite anterior.

— Sentes-te capaz de ouvir? — questionou Saetan serenamente.

O que o preocupava era a certeza de que se ordenasse ao filho que se despisse e se deitasse no chão para ser vergastado até não restar pele nas costas, Daemon não hesitaria, não questionaria – desde que o castigo fosse acompanhado da promessa de que Jaenelle iria *efectivamente* perdoá-lo pela noite anterior.

Daemon confirmou com um aceno de cabeça, mantendo o rosto premidido nas pernas do pai.

— Estou aqui porque Jaenelle me solicitou que viesse – não por precisar de mim e sim por seres tu que precisas.

— Ela precisa de uma Curandeira — murmurou Daemon.

E tu precisas mais do que uma Curandeira. A feiticeira que tinha a capacidade de remendar o que fora rasgado encontrava-se no quarto do lado oposto do corredor.

— Tratarei disso e depois te direi o que será necessário. Também verei o que fazer quanto ao teu hóspede. — Isso é que seria divertido.

— Agora — disse Saetan, dando um puxão de cabelos ao filho —, tens de repousar, por isso quero que vás lavar a cara, que te dispas e que te deites na minha cama.

Sentiu a surpresa, reconheceu o motivo. Um Príncipe dos Senhores da Guerra era o que era, e permitir que outro macho se deitasse na sua cama fosse por que razão fosse, constituía uma demonstração implícita de amor. A cama dele fora terreno proibido, mas permitira a todos os seus rapazes que aí dormissem uma sesta quando estavam fragilizados ou destroçados. Por vezes, juntava-se a eles, abraçando-os enquanto segredavam as suas mágoas e segredos; outras vezes, sentava-se numa cadeira junto à cama, a ler. De qualquer forma, os seus filhos sabiam que ali estavam a salvo, protegidos. Por vezes, a consciência desse facto era tudo o que precisavam.

— A sério? — perguntou Daemon, deixando transparecer uma ínfima dúvida que destroçou o coração de Saetan.

— A sério. Até te irei ler uma história assim que tratar de uns assuntos. Agora, vai lá.

Daemon levantou-se, incapaz de disfarçar o quão abalado estava, física e emocionalmente. Engoliu em seco, uma, duas vezes. Depois correu para a casa de banho e fechou a porta com um estrondo.

Pouco depois, ergueram-se escudos de audição em redor da casa de banho de modo a ocultar os sons de Daemon a vomitar violentamente.

Com um suspiro, Saetan atravessou o corredor e bateu à porta da sala de jantar de Jaenelle.

Acabada de sair do duche, estava envolta num roupão, o cabelo louro ainda molhado. Não viu qualquer medo nos olhos azul-safira que o avaliavam, embora tenha percebido preocupação.

Recorrendo à Arte, fez planar um banquinho de pés até junto da cadeira onde Jaenelle estava, sentando-se defronte dela.

— Como está ele? — quis saber.

— Tudo a seu tempo. Tratou-se de violação? — *Terei de executar o meu próprio filho?*

Presenciou o choque nos olhos da mulher, celeremente seguido pela raiva.

— Não.

— Dizes isso para o proteger por ser teu marido?

— Não. — A voz dela soava gélida e acutilante. — Digo-o porque não foi disso que se tratou. Deu-me a escolher, Saetan. Pediu-me para ficar, mas disse que podia ir-me embora. Optei por ficar.

Um alívio nauseado invadiu Saetan. Daemon não se recordava de lhe ter dado essa opção e ainda que a palavra não tivesse sido pronunciada, o receio de ter atravessado uma linha imperdoável estivera *presente* em cada uma das palavras de Daemon.

— Precisas de consultar uma Curandeira, criança-feiticeira.

— Eu *sou* Curandeira.

E Viúva Negra e Rainha. Uma das três feiticeiras em Kaeleer a possuir o triplo dom.

— Assim sendo, preciso de uma lista detalhada dos teus ferimentos. — Jaenelle era sua filha adoptada; Daemon era seu filho. Além disso, fora Administrador da corte dela. A situação não iria ser nada confortável para nenhum dos dois, mas esta conversa *teria* de acontecer. — Antes de tentares minimizar a situação por não desejares ser honesta comigo, debes ter presente que o que quer que se tenha quebrado ontem à noite nele, poderá ficar desse modo a menos que seja reparado a curto prazo e, se assim permanecer, o teu marido poderá não voltar a conseguir fazer mais do que imaginar que está a fazer amor contigo.

— Ele sabe realmente o que se passou ontem à noite?

Saetan franziu o sobrolho.

— Fiquei com a ideia de que ele próprio te tinha explicado alguns aspectos.

— Sim, explicou. — Jaenelle atentou no homem por alguns instantes, arregaçou as mangas do roupão e mostrou-lhe os pulsos.

Horríveis nódoas negras. Os pulsos de Saetan doeram em solidariedade.

— É o pior — afirmou Jaenelle, voltando a baixar as mangas. — Tenho outras nódoas negras devido a chupões, mas tendo em conta os pontos onde se encontram, não as vou mostrar.

Com base nos receios de Daemon, estava preparado para algo muito mais grave, pelo que se sentiu confortado pelo tom de impertinência divertida de Jaenelle.

— Estou um pouco dorida, mas tem a ver com a quantidade, não com a impetuosidade dele, e, noutra altura qualquer, o Daemon estaria presunçosamente compreensivo quanto a isso — prosseguiu. — Depois do exercício que fiz com o Noitibó e com o Daemon, tenho as coxas tão doridas que não tenho qualquer interesse em montar seja o que for durante um bom par de dias.

Saetan cedeu a um sorriso que bailava nos lábios.

— É só isso?

— É só isto.

O sorriso desvaneceu-se. Não podia ser só aquilo.

— Assustou-te. Essa é a questão crucial para ele. Assustou-te, *a ti*.

— Sim, é verdade — respondeu Jaenelle serenamente. — Não sabia quem eu era, Saetan. Não sabia *onde* estava. Foi apanhado numa memória tortuosa e, quando dei conta, apercebi-me também de que se tentasse mesmo magoar-me, teria de o magoar pois sei que seria capaz de viver com um ferimento físico mais facilmente do que conseguiria viver com o conhecimento de que fizera mais do que algumas nódoas negras sem intenção.

— Terias conseguido magoá-lo? — perguntou Saetan. — Recuperaste forças a ponto de o conseguires deter?

Fechou a mão sem fazer força. Ao abrir a mão...

Os dedos já não possuíam unhas humanas. Aquelas eram garras de felino, do tipo que poderia infligir danos graves mesmo com um golpe de raspão.

— Compreendo — afirmou Saetan em voz baixa. Um ferimento físico, até mesmo a ponto de o mutilar permanentemente, teria sido menos destrutivo para Daemon. Sabia-o — e a escolha da arma teria trazido de regresso ao presente qualquer homem, tal o choque.

— Pois. — Jaenelle fechou a mão direita, afofou o cabelo já com dedos normais. — Estou de saída para Dharo. O Aaron já deve estar cá.

— Ai, sim? — Manteve a voz cautelosamente neutra, mas não deixou de se questionar quanto à franqueza de Jaenelle em relação ao seu estado emocional. Compreendia que o tivesse convocado às primeiras horas do dia para que estivesse presente quando Daemon mais precisasse dele, mas a convocação de Aaron poderia significar a necessidade de fuga.

— Ai, sim. — Aqueles olhos azul-safira trespassaram-no – compreendendo tudo o que Saetan não dissera. — O objectivo da visita mudou, mas há dias que tínhamos combinado. Não estou magoada, papá. Garanto-te. Estou... abalada. Não o nego. Mas não estou ferida.

Saetan assentiu.

Jaenelle pousou a mão na dele.

— Ficas cá hoje? Ficas aqui disponível para o Daemon? Neste momento, julgo que poderás contribuir mais para o curar do que eu.

— Sim, fico.

Entrelaçou os dedos nos dele.

— O Daemon não pode regressar a Terreille. Em memória de um amigo, tentará agir correctamente, mas não pode regressar a Terreille.

— Deixou de ter defesas contras as memórias, não foi?

— Foi. A mente e o juízo estão intactos. Pode estar a sentir-se quebrado, mas é apenas uma sensação superficial, uma emoção. Ontem à noite não chegou efectivamente a quebrar. Desci ao abismo num dos momentos em que adormeceu e avaliei-lhe minuciosamente a mente, por isso tenho a certeza. No entanto, estará fragilizado nos próximos tempos. Se for necessário, o Lucivar poderá ir a Dena Nehele.

— Se o Lucivar for a Dena Nehele, chegará preparado para lutar.

Jaenelle bufou.

— Grande novidade. O Lucivar chega a *todo* o lado preparado para lutar.

Saetan riu-se sem grandes alaridos. Seria difícil negar a verdade quanto ao temperamento do seu filho eyrieno.

— Muito bem. — Ergueu a mão de Jaenelle e beijou-a, largando de seguida. — Vai lá para Dharo...

— Tratas do nosso hóspede? — perguntou Jaenelle, com ar de entendida.

— Trato, pois. Mas primeiro vou ler uma história ao meu rapaz. Pensei ler-lhe *O Unicórnio Salvador!* Ou *O Sceltita Herói...*

O riso argentino e aveludado de Jaenelle mitigou-lhe o coração e fez com que a preocupação quanto à sua filha desaparecesse.

— ... mas creio que não iria reconhecer o humor de lhe ler uma história adequada ao sobrinho — concluiu. — Hoje é que não.

Quando as gargalhas diminuíram, Jaenelle invocou uma pequena es-

trutura em madeira usada pelas Viúvas Negras como base para as teias entrelaçadas.

— Aquele quarto tem de ser limpo e arejado antes de o Daemon poder aí voltar. Julgo que a Helene irá achar isto de grande utilidade. Eu e a Marian temos andado a trabalhar numa forma de purificar um quarto após o cio de um Príncipe dos Senhores da Guerra. O frasquinho abre-se com um feitiço doméstico básico. Assim que for desencadeado, a teia irá absorver os odores psíquicos, enquanto o óleo no frasco absorve os odores físicos. O processo demora duas horas. No final, o fio de aranha na teia terá um aspecto grosso e gorduroso. O mesmo acontecerá ao óleo. Ainda não descobrimos como limpar a estrutura nem o frasquinho depois de serem usados, por isso terá de se colocar tudo num escudo e queimado com fogo encantado e depois as cinzas terão de se enterrar para não serem arrastadas pelo Vento.

Não podia deixar de ficar maravilhado por mais ninguém ter pensado em tal até então. Era certo que não deveriam ter existido muitas amizades entre Viúvas Negras e feiticeiras domésticas e até Marian e Jaenelle começarem a trabalhar juntas com o intuito de criarem feitiços específicos, ninguém, ao que sabia, pensara em combinar aqueles dois tipos de Arte.

— Sim — disse Saetan. — Com certeza a Helene irá achar muito útil. — Pondo os objectos de lado por um momento, perguntou acerca de algo que achara perturbador no relato de Daemon:

— Criança-feiticeira, decerto sabias que Daemon não estava completamente recuperado. O que te levou a usar algo assim tão... — Não fosse ela sua filha e sua Rainha e não teria tantas dificuldades em formular a pergunta.

— O que me levou a vestir um convite? — perguntou ela.

Confirmou.

Afoufou o cabelo louro. O modo como olhou Saetan parecia ligeiramente divertido e envergonhado.

— Dizem que, quando um homem está a sentir-se um pouco melancólico, por vezes deseja o sexo como consolo, mas não se sente confiante a ponto de pedir.

A ideia da assembleia de Jaenelle a trocar confidências acerca dos maridos e/ou amantes fê-lo querer correr e esconder-se, mas ficou sentado e limitou-se a acenar com a cabeça.

— Julguei que Daemon estava um pouco melancólico por causa do Jared, por se lembrar de um amigo que já faleceu, mas só me dei conta de que era mais do que isso quando já era tarde de mais. Em todo o caso, li uma história em que as roupas da mulher atraíram o interesse do homem, por isso... — Jaenelle encolheu os ombros. — Sabia que se o Daemon não estivesse interessado, não repararia na roupa e ficaria indiferente ao convite.

— Perdão? — Saetan pestanejou, certamente ouvira mal. — O Daemon não iria reparar no que tinhas vestido? O *Daemon*?

— Sim, o *Daemon*.

— Criança-feiticeira... — Abanou a cabeça. — Talvez finja não ver, mas não há dúvida que repara.

— Antes do regresso da Surreal a Ebon Rih, fomos às compras em Amdarh e ela escolheu umas peças, jurando que iriam deixar o *Daemon* de língua de fora e de olhos escancarados.

— Mas que bela imagem — disse Saetan entre dentes.

— Naquela noite, estava a experimentar a roupa e a pensar se teria mesmo lata para a vestir quando *Daemon* entrou no quarto. Não me lembro no que estivera a trabalhar nesse dia, mas tinha um ar exausto. Antes de eu conseguir pronunciar um única palavra, ficou um bocado a olhar para mim e depois disse-me que não estava vestida com roupa adequada para o tempo pois há duas horas que tínhamos sido assolados por uma violenta tempestade de Inverno. Envolveu-me no roupão de Inverno dele, enfiou-me dois pares de meias nos pés – um par meu e um par dele –, fez-nos uma bebida quente, aconchegámo-nos na cama e adormecemos num piscar de olhos.

Saetan premiu os lábios para ocultar o sorriso. O roupão de *Daemon*, as meias de *Daemon*. As pistas estavam presentes mas nenhum deles reconheceu o significado.

— Não foi só essa vez — disse Jaenelle. — É reconfortante.

— Como assim?

Tanto entendimento naqueles olhos azul-safira.

— Não quero que, em tempo algum, tome o sexo como dever. O facto de, por vezes, ficar indiferente a um convite significa que não se sente obrigado a cumprir.

— Voltaste a usar essa roupa noutra noite?

Hesitou demoradamente.

— Voltei.

— Obtiveste a reacção que Surreal garantiu?

— Mais ou menos.

Contudo, a julgar pelo rubor repentino que lhe incendiou as faces, era certo que obtivera uma reacção.

Saetan levantou-se, beijou-lhe a testa, pegou na estrutura com a teia e dirigiu-se à porta. Voltou-se para trás.

— Tens a certeza de que não tens mais ferimentos, criança-feiticeira?

— Tenho a certeza.

Tal firmeza era preciosa, especialmente ao sair da sala de estar de Jaenelle e dar de caras com Beale, Helene e Jazen à porta do quarto do Consorte, com um olhar de espanto nos rostos.

— Algum problema? — perguntou com delicadeza. Quando se viraram para ele, levou um dedo aos lábios. — O Príncipe Sadi encontra-se nos meus aposentos. É melhor não o incomodarem.

Helene desviou o olhar para o quarto, regressando a Saetan.

— Alguém ficou ferido? — perguntou num sussurro.

Afastaram-se para o deixarem passar e, chegando à porta, entendeu o motivo da pergunta.

Aparentemente, não havia nada de errado com o quarto. Não havia nada partido nem danificado. Nem sequer a cama tinha um aspecto excessivamente desarrumada.

Porém, os odores psíquicos presentes no quarto, combinados com o almiscarado do sexo, levaram o seu próprio corpo a ficar tenso. Raiva e medo atulhavam o quarto, juntamente com um ódio tão profundo que ficava alojado ao fundo da garganta como uma névoa amarga. Calhasse entrar naquele lugar sem saber de antemão que ambos estavam sãos e salvos, teria deitado abaixo o Paço para encontrar *Daemon* e Jaenelle, certo de que pelo menos um deles estaria gravemente ferido.

Além disso, reconheceu algo subjacente a todos os outros odores, com o qual teria de lidar – tal como *Daemon*.

Mas não era o momento certo. Pelo menos até o seu filho recuperar a estabilidade.

Virou costas ao quarto e deu a Helene a estrutura com a teia purificante, explicando como funcionava.

— Agradecei, por favor, às Senhoras — disse Helene. — Isto ajudará a limpar o quarto. — Olhou para Beale e Jazen. — Ora bem, quanto menos mulheres no quarto, melhor.

— Eu ajudo a limpar — disse Jazen. — Verificarei se as roupas precisam de ser arejadas.

— Mandarei o Holt para vos ajudar — disse Beale.

Helene virou-se para Saetan:

— Teremos o quarto pronto daqui a algumas horas.

— Muito bem — respondeu Saetan. — Jazen, coloca na minha sala de estar uma muda completa de roupa para o Príncipe.

— Sim, senhor.

— Beale? Há mais algum assunto que requeira a minha atenção?

— O Príncipe Aaron encontra-se na sala do pequeno-almoço, a aguardar a Senhora Angelline — informou Beale. — O convidado do Príncipe está a andar de um lado para o outro na sala de visitas formal, a resmungar sozinho.

— Informa o Príncipe Theran de que dentro de uma hora haverá alguém disponível para falar com ele.

— Muito bem, Senhor Supremo.

O olhar de Beale indicou claramente a Saetan de que o mordomo não iria informar Theran acerca de *quem* iria estar disponível para essa conversa.

O que tinha o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dena Nehele que enfurecia os machos de Kaeleer?

Ainda a pensar nessa questão, entrou no quarto e deu com Daemon aninhado na cama. O corpo era o de um homem adulto, mas os olhos que o fitavam, plenos de desespero, pertenciam a um rapazinho.

Sentou-se à beira da cama.

— Ela está bem — disse, com ternura. — Na verdade, está muito melhor do que tu.

— Tinha nódoas negras — murmurou Daemon. — Nos pulsos. Eu vi-as.

Saetan confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim, tinha. Também tem alguns chupões, que eu não vi. Doem-lhe os músculos das pernas, mas dividiu irmãmente a culpa entre ti e o Noitibó.

— Oh.

O tremular imperceptível dos lábios; um indício de diversão nos olhos dourados; os músculos tensos nos ombros a começarem a descontrair a cada fôlego.

Reconhecia os sinais, vira o filho a debater-se para sarar quando acreditara que Jaenelle partira para sempre.

— Ora bem — disse Saetan —, a culpa dos músculos doridos poderá ser dividida em iguais partes por ti e pelo Noitibó, mas só tu tens mãos, por isso sugiro que te ofereças para massajar as costas a Jaenelle esta noite.

A pergunta implícita pairou no ar. Aguardou.

Por fim, Daemon fez um aceno quase imperceptível. O Administrador da Corte das Trevas não iria sugerir ao Consorte que cuidasse da Rainha caso tivesse dúvidas quanto à recepção acolhedora do Consorte.

Tendo feito tudo o que era possível naquele momento, Saetan invocou um livro, abriu-o no índice e indicou os títulos de duas histórias.

— Qual destas gostarias de ouvir?

— As duas?

A resposta apertou-lhe o coração – e deu-lhe esperanças de que Jaenelle tinha razão quanto a Daemon estar emocionalmente desgastado naquele momento e não verdadeiramente quebrado.

Daemon não se recordava de ter respondido da mesma forma tantas vezes quando era rapazinho, a ponto de se ter tornado num ritual para ambos. Mas assim acontecera. Por Saetan se recordar, invocou os

óculos em meia-lua, demorou o seu tempo a colocá-los no nariz da forma *correcta* e completou o ritual com as mesmas palavras que sempre proferira:

— Sim, acho que desta vez podemos ler as duas.

CAPÍTULO SEIS

Kaeleer

Agitado e algo temerário, Theran bateu à porta do gabinete e entrou antes de ouvir a permissão.

— Fogo do Inferno, Sadi. Estas condições que propondes são a sério?

O homem sentado por detrás da secretária em madeira escura não era Daemon Sadi. Era o galaró jarreta da Fortaleza. O historiador/bibliotecário assistente – que já não parecia um funcionário até certa medida afável e cujas Jóias Vermelhas e casta poderiam, em grande parte, ser ignoradas.

Via agora a semelhança entre Sadi e o Príncipe dos Senhores da Guerra haylliano, que pousou uma folha de papel na secretária e tirou os óculos em meia-lua, sem desviar os olhos dourados do rosto de Theran.

O medo fez Theran estremecer ao reparar na mão direita do Príncipe dos Senhores da Guerra, de unhas compridas e tingidas a negro e com o anel de Jóia Negra.

— Consequiste despertar a minha fúria antes de entrar naquela sala de estar na Fortaleza, por isso nem sequer concluímos as apresentações. Sou Saetan Daemon SaDiablo, anterior Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan – e ainda Senhor Supremo do Inferno.

As pernas de Theran cederam. Bateu na beira da cadeira defronte da secretária e segurou-se aos braços para se arrastar até ao assento.

— Eu... — Que deveria dizer ao Senhor Supremo? Desculpar-se por não ter sido mais educado quando estivera na Fortaleza?

— Pela forma como entraste no gabinete, presumo que tenhas a intenção de discutir as condições que o Príncipe Sadi impôs para que uma Rainha de Kaeleer seja Dena Nehele.

— O Sadi...

— Está indisposto. Poderás discutir este assunto comigo.

Que as Trevas sejam misericordiosas. Naquele momento, só queria sair daquele lugar.

Jared não teria fugido. Blaed não teria fugido.

— As condições são... — Sadi aceitara a posição de Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan poucos meses após o pai ter renunciado. Theran lembrava-se de ter ouvido esse facto no jantar da noite anterior. Como poderia dar voz às suas objecções sem parecer que estava a criticar o filho? Pois este era um pai que *não* queria ofender.

— Absurdas? Insultuosas? Mordazes? — propôs Saetan, indiciando um sorriso contundente. — Tudo tem um preço, Príncipe Grayhaven. O homem que elaborou essas condições conhece Terreille profundamente. Muito melhor do que tu, uma vez que estou em crer que o conhecimento que possuis confina-se ao teu próprio Território. O Príncipe Sadi compreende também muito bem como os machos em Kaeleer, em especial os Príncipes dos Senhores da Guerra, reagem a qualquer tipo de ameaça a uma fêmea, quanto mais a uma Rainha. Poderás sentir entraves face a estas condições, mas foram pensadas com desvelo e concebidas para proteger o teu povo, bem como a Rainha que o irá governar.

Percebendo ter deixado cair o papel quando se agarrara à cadeira, Theran apanhou-o e olhou atónito para a lista de condições.

— Um ano? Só permanecerá *um ano*?

— Um ano basta para que ambos saibam se o teu povo aceita uma forasteira a regê-los – e para ficarem a saber se o povo deseja deveras voltar a seguir os Costumes Antigos dos Sangue.

— Se não quiséssemos voltar a viver da forma como vivíamos quando a Senhora Cinzenta regia, ter-nos-íamos contentado com... — *Com uma das Rainhas que temos – que acabaria por destruir o que resta de nós, tal como o faria certamente uma das Rainhas escolhidas por Dorothea.*

Theran afundou-se na cadeira, deixando as mãos penduradas entre os joelhos.

— Grayhaven é a casa da minha família – e o meu legado. O que dela resta. A Rainha poderá usufruir da propriedade. Quanto à dízima... Fogo do Inferno. Estamos a tentar plantar e colher alimentos que cheguem para alimentar toda a gente este Inverno. As Rainhas que governaram antes esgotaram a terra e extorquiram o povo. Ontem à noite, contei isto ao Sadi.

— Mas isso não altera tudo o que é necessário para a corte de uma Rainha — disse Saetan, com serenidade. — Merece uma recompensa pelo esforço e a corte precisa de encontrar um modo de fazer face às despesas.

— A dízima não poderia ser paga em bens e serviços? — perguntou Theran.

— Caso a Rainha e o Primeiro Círculo concordem com essa condição, sim, uma percentagem significativa da dízima poderá ser paga desse modo.

Na esperança de que aquelas condições pudessem ser mais flexíveis do que pensara primeiramente, Theran voltou a olhar para a folha.

— Inspeções?

— E relatórios semanais da Rainha.

— Porque haverá de prestar contas a quem quer que seja? Porque terá o meu povo de ser tratado como criancinhas com testes surpresa para ver se aprendemos boas maneiras?

Saetan recostou-se, encostou os dedos das mãos e apoiou o queixo nos dedos indicadores.

— Porque não têm boas maneiras. Essa é uma das razões pelas quais estás aqui. Pretendes algo de que não te recordas, algo de que o teu povo não tem memória. As inspeções não são para vos testar; são para aplacar os Príncipes dos Senhores da Guerra da terra da Rainha. Uma vez que pertences a essa casta, não devias menosprezar dessa forma o poder e a fúria que poderão cair à tua porta com o intuito de matar. Quanto aos relatórios semanais da Rainha, também esses são para garantir a segurança dela e substituem os acompanhantes armados a viver com ela em Dena Nehele. — Fez um compasso de espera. — Deveria dizer, acompanhantes armados do seu território de origem. É da vossa responsabilidade providenciar acompanhantes suficientes para sua protecção. Cabe a vós reunir homens e mulheres que formem o seu Primeiro Círculo. Garantir o bem-estar físico e emocional da Rainha também vos diz respeito.

Theran sentiu o sangue a esvaír-se do rosto. Não vivenciara nada daquilo. A vida com Talon, escondido nas montanhas para que as Rainhas escolhidas não controlassem o derradeiro macho da linhagem Grayhaven, não passara por esse tipo de serviço.

— Avalia as tuas capacidades, Príncipe — disse Saetan. — Farás parte do triângulo de machos que irá servir a Rainha de forma mais próxima.

— Como Consorte? — Theran engasgou-se com a palavra. — Estais a contar que eu sirva...

Saetan riu-se e a corrente subjacente de violência naquele som provocou calafrios a Theran.

— Estás a ser presunçoso, cria. Nenhum macho de Kaeleer tolerará a assunção de que qualquer macho de Terreille tem direito à cama da Rainha.

— Mas então...?

— Primeiro Acompanhante — explicou Saetan. — Em grande parte, os deveres são idênticos, até chegares à porta do quarto. Como Primeiro Acompanhante não passas o limiar. Não serves na cama. No entanto, caso não consigas desempenhar o serviço de Primeiro Acompanhante, poderás ocupar o lugar de Guarda-Mor ou de Administrador — desde que os outros machos do Primeiro Círculo aceitem que assumas um destes cargos.

Foi invadido por um grande alívio.

— Porém, se alguma Rainha concordar em voltar contigo e governar o teu povo, ficará ao teu cuidado, Theran. Não tenhas dúvidas. E caso esse cuidado se revele insatisfatório, terás de responder perante Kaeleer. Também não tenhas dúvidas quanto a *isso*. Por aqui, os Príncipes dos Senhores da Guerra poderão até compreender o que pretendes fazer pelo teu Território. Poderão até estar dispostos a ajudar. Mas se acharem que estás a maltratar ou a pôr em perigo uma Rainha que provém do Reino das Sombras, não hesitarão em destruir-te bem como ao teu povo. Aniquilar-vos-ão do mundo dos vivos de modo muito mais meticoloso do que a Dorothea alguma vez poderia fazer. Estamos entendidos?

Teve de engolir para conseguir que o coração desimpedisse a garganta.

— Sim, Senhor Supremo. Estamos entendidos.

— Fico muito satisfeito. A Senhora Angeline foi falar com uma Rainha que poderá estar interessada em ajudar o teu povo. Regressará à hora de jantar. Como tens tempo de sobra, sugiro... — Franziu o sobrolho, olhando para a porta.

Theran voltou a cabeça para tentar ouvir. Sim, lá estava outra vez. Algo a arranhar a porta.

Saetan ergueu uma mão. A porta do gabinete abriu de par em par e um pequeno cão branco e castanho entrou a saltitar e parou junto à cadeira de Theran.

Nunca possuía um cão. Sempre gostara deles, gostava de lhes fazer festas quando ia a alguma povoação, mas os campos de proscritos nas montanhas eram lugares clandestinos e embora um cão pudesse alertar quanto à presença de alguém estranho, os latidos também poderiam revelar a localização dos acampamentos aos inimigos.

O cão não se aproximou a ponto de conseguir fazer-lhe uma festa, mas parecia interessado nele.

— Vae — disse Saetan.

Cogitando quanto à cautela presente na voz do Senhor Supremo, Theran olhou com mais atenção para o cão. Viu um brilho em torno do pescoço. Uma corrente de ouro e...

O coração quase lhe saltou do peito antes de reconhecer o erro. Por um instante, julgou que alguém colocara uma Jóia Violácea no cão, mas não passava de uma ametista, algum espertinho que queria dar a entender que o cão usava Jóias.

— E se desses um passeio com a Senhora Vae até à vila? — ouviu-se Saetan. — Como a população de Halaway vive segundo os Costumes Antigos, ao passares algumas horas nesse lugar ficarás com uma excelente ideia do que se espera do teu povo.

Passeatas? Gosto de passeatas!

A voz lembrava a de uma jovem, mas não a *ouviu*, de facto. Retiniu dentro da cabeça, no exterior das barreiras interiores, como se alguém tivesse comunicado num fio psíquico. No entanto, o único ser vivo presente no gabinete para além de si próprio e do Senhor Supremo era...

Não fala? Não está treinado?

— Começou agora mesmo o treino. — A boca de Saetan recurvou-se num sorriso malicioso e divertido. — A Senhora Vae é uma sceltita parente. Uma feiticeira de Jóia Violácea.

Theran sentiu o sangue a esvaír-se da cabeça.

— Parente? Feiticeira? — Aquela Jóia que vira era *verdadeira*? Este cão tinha a mesma categoria da sua Jóia de Direito por Progenitura?

— Sim — disse Saetan, arrastadamente. — Creio que a Vae será a acompanhante perfeita para ti.

É macho e tonto. Eu protejo-o.

— Faz isso. — Uma pausa. — Pretendias discutir mais algum assunto para já, Príncipe Theran?

Sabia reconhecer uma despedida quando a ouvia, mas as pernas pareciam caramelo retesado e teve de fazer várias tentativas para se levantar da cadeira. Fez desaparecer a folha das condições com as quais o seu povo teria de concordar e, ao dirigir-se à porta, percebeu que o cão o aguardava.

Consigno atravessar portas disse Vae. *Domino a minha Arte. Mas como estás a ser treinado, vou esperar que abras a porta.*

Ao sair para o salão principal e assim que a porta se fechou atrás dele, ouviu as gargalhadas do Senhor Supremo.

Cassidy olhou espantada para Jaenelle, depois para o primo Aaron que andava de um lado para o outro na sala de estar da casa de seus pais.

— Estão os dois a fazer pouco de mim — disse Cassidy. — Só pode ser uma piada.

— Quem me dera — resmungou Aaron. — Mas ela está a falar a sério.

— Não pode ser!

— Porque não? — perguntou Jaenelle.

— Sou uma Rainha *insignificante*. Uso Jóias Rosa. Nunca dirigi mais do que uma pequena povoação. — Que mais ninguém quisera até uma nova e jovem Rainha precisar de um lugar para governar de modo a adquirir recomendações para algo melhor. — Aaron, diz-lhe!

— Já disse — respondeu Aaron. — O caminho todo.

— Todo o meu Primeiro Círculo renunciou e desagregou a corte.

— Eram idiotas — resmoneou Aaron.

— Porque eram idiotas, estás agora disponível para ajudar um povo que precisa de ti — disse Jaenelle, num tom sereno.

— Precisam de uma Rainha poderosa — contrapôs Cassidy.

— Tu és uma Rainha poderosa.

— Precisam de uma Rainha... requintada.

— Precisam de uma Rainha que esteja a par dos Costumes Antigos, que viva segundo os Costumes Antigos, que conheça o Protocolo e que saiba reinar com rectidão — afirmou Jaenelle. — Precisam de alguém como tu, Cassidy. — Pousou a mão sobre a de Cassidy. — Olha para mim.

Não queria olhar para aqueles olhos azul-safira. Viam demasiado. Compreendiam demasiado. Contudo, obedeceu pois não importava se Jaenelle regia oficialmente ou não. Ainda era a Rainha. E ninguém desobedecia à Feiticeira.

— Não vão compreender-te — proferiu Jaenelle. — A maioria não irá ver quem realmente és. Ficarão desiludidos com a aparência.

Cassidy crispou-se — e crispou-se ainda mais quando Aaron rosnou a opinião que tinha quanto à anterior corte da prima.

— A maioria, Cassidy. Mas alguns verão quem és como mulher e, com o tempo, os outros irão reconhecer quem és como Rainha. Vais conseguir. Não estaria aqui se tivesse dúvidas. — Jaenelle deu-lhe umas palmadinhas na mão e recostou-se. — Terás alguns dias para pensar.

Viver num Território diferente, Num Reino diferente. Em Terreille. Ninguém ia a Terreille. As pessoas fugiam *de* Terreille.

Ainda assim, podia marcar a diferença para estas pessoas. Poderia ajudá-los a recordar quem eram, ajudá-los a reconstruir.

— Quanto tempo estaria ausente? — quis saber Cassidy. Voltaria a ver a família? Poderia regressar a casa para os visitar, para tranquilizar os pais quanto ao seu bem-estar?

— Teriam de existir termos, condições — disse Aaron, não parando de andar. — Nós *não* vamos deixá-la partir para aquele maldito Reino sem *algumas* garantias.

— “Nós” quem? — questionou Cassidy, rispidamente. — Só eu decido o que fazer quanto à minha vida e mais ninguém.

— Isso é que era bom — retorquiu Aaron.

Cassidy pestanejou.

— És meu primo distante!

Não estiques a corda advertiu Jaenelle através de um fio feminino. *No que respeita à família, os Príncipes dos Senhores da Guerra têm a proximidade que eles decidirem. Já está zangado com a tua anterior corte e não sentiu confiança para vir aqui sozinho.*

Cassidy olhou de relance para Aaron, fixando depois os olhos no tapete entre os pés. Ficava curiosa ao receber o bilhete de Aaron, a solicitar uma visita num dia e hora específicos, mas julgou que vinha dar-lhe uma

palmadinha nas costas e oferecer-lhe um pouco de solidariedade por ter perdido a corte. Depois, quando Jaenelle aparecera com ele e começara a contar-lhe acerca de Dena Nehele, não soubera o que pensar da visita. Mas não lhe ocorrera que Aaron, que era realmente um primo distante, estivesse zangado a ponto de vir de Dharo com a intenção de perseguir os machos do anterior Primeiro Círculo da prima.

Não soubeste que Aaron já “conversou” com a Sabrina sobre a separação da tua corte e da forma como aconteceu? perguntou Jaenelle.

Não. Graças às Trevas. *Que tipo de conversa?*

O tipo que acabou com os dois aos gritos.

Aaron gritara com a Rainha de Dharo – que fazia parte da assembleia de Jaenelle e amiga de longa data do primo – por causa dela? Mãe Noite.

— Creio que o Daemon já elaborou um rascunho com uma lista de condições — informou Jaenelle. — O Senhor Supremo está a analisá-la.

Aaron parou, por fim, de andar.

— Foi o Daemon que elaborou as condições? Os machos terão de lhe prestar contas?

Jaenelle assentiu.

— Ou ao Senhor Supremo. Ou a ambos.

Aaron sentou-se numa cadeira, sem vestígios da tensão e da fúria. No entanto, Cassidy sentiu-se muito mais nervosa. A revelação de que dois Príncipes dos Senhores da Guerra de Jóia Negra – os dois machos mais poderosos da história dos Sangue – estavam interessados na vida dela, não era uma sensação agradável.

Levantou os olhos a tempo de ver os lábios de Jaenelle tremelicarem num sorriso entendido.

Obviamente que o interesse à distância seria mais fácil do que habitar na mesma casa com qualquer um deles.

— Gostaria de ver uma cópia dessas condições — disse Cassidy.

— Tratarei disso — respondeu Jaenelle. Dirigiu um olhar de esguelha a Aaron. — Estou certa de que o teu pai, bem como os outros machos da tua família, desejarão uma oportunidade para exprimirem as suas opiniões.

— Não podemos omitir essa parte? — questionou Cassidy.

— Nem pensar — disse Jaenelle alegremente. Levantou-se. — Ora bem. Tens muito em que pensar. Caso decidas aceitar este desafio, vem à Fortaleza daqui a uma semana.

Cassidy levantou-se para os acompanhar à porta.

— A quem mais pediste para pensar neste assunto?

Jaenelle limitou-se a olhá-la – e Cassidy sentiu um arrepião pelas costas abaixo.

— Não teço uma teia entrelaçada de sonhos e visões em vão, Senhora Cassidy — afirmou Jaenelle com um vestígio de meia-noite e relâmpagos na voz. — Dentro de um ano, Dena Nehele começará a recuperar ou irá desmoronar-se a ponto de já não ter salvação. És a minha escolha para ocupar o lugar de Rainha daquele povo. Se te irão escolher... Isso é com eles. Se irás aceitar... É contigo.

Era a escolha da Feiticeira. Devido a uma teia onírica e de visões. Como poderia nem sequer tentar?

— Nesse caso, Senhora — disse Cassidy —, encontramos-nos daqui a sete dias.